

Elaboração de Monografia na Área de Desenvolvimento Rural

Egon Roque Fröhlich
Simone Bochi Dorneles
Organizadores

EAD
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



Elaboração de Monografia na Área de Desenvolvimento Rural



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA**

Secretário

Sérgio Roberto Kieling Franco

Vice-Secretário

Silvestre Novak

Comitê Editorial

Lovois de Andrade Miguel

Mara Lucia Fernandes Carneiro

Silvestre Novak

Sílvio Luiz Souza Cunha

Sérgio Roberto Kieling Franco,
presidente

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

Elaboração de Monografia na Área de Desenvolvimento Rural

Egon Roque Fröhlich
Simone Bochi Dorneles
Organizadores

EAD
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA


UFRGS
EDITORA


SEAD
Secretaria de
Educação a Distância


CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA
**PLANEJAMENTO E GESTÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

© dos Autores
1ª edição: 2011
Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e projeto gráfico: Carla M. Luzzatto
Revisão: Ignacio Antonio Neis e Sabrina Pereira de Abreu
Editoração eletrônica: Michele Bandeira

Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS

Coordenador: Luis Alberto Segovia Gonzalez

Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural

Coordenação Acadêmica: Lovois de Andrade Miguel

Coordenação Operacional: Eliane Sanguiné

E37 Elaboração de monografia na área de desenvolvimento rural / Egon Roque Fröhlich [e] Simone Bochi Dorneles; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

56 p. : il. ; 17,5x25cm

(Série Educação A Distância)

Inclui figuras e tabelas.

Inclui anexos, apêndices e referências.

1. Metodologia científica. 2. Monografia – Processo – Elaboração. 3. Trabalho monográfico – Proposta. 4. Monografia – Elaboração – Projeto. 5. Monografia – Construção. I. Fröhlich, Egon Roque. II. Dorneles, Simone Bochi. III. Universidade Aberta do Brasil. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. V. Série.

CDU 001.89

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0157-9

SUMÁRIO

Apresentação	7
Unidade 1 – Processo de elaboração de monografia	9
1.1 Características do discurso científico	9
1.2 Conceito de monografia	11
1.3 Estrutura da monografia	12
1.3.1 Introdução	13
1.3.2 Desenvolvimento	13
1.3.3 Conclusão	13
1.4 Atividade prática	13
Unidade 2 – Etapas da proposta do trabalho monográfico	15
2.1 A fundamentação teórica do trabalho monográfico	15
2.1.1 A busca de informações	15
2.1.2 Fontes de informações	16
2.1.3 Tratamento das informações	16
2.1.4 Internet	17
2.2 A elaboração do projeto da monografia	17
2.2.1 A questão inicial e a exploração do tema	17
2.2.2 A problemática	18
2.2.3 A justificativa	19
2.2.4 A formulação dos objetivos	19
2.2.5 A revisão bibliográfica	22
2.2.6 A metodologia	23
2.3 Atividade prática	23
Unidade 3 – A construção da monografia	25
3.1 As etapas da monografia	25
3.2 Elaboração da parte introdutória da monografia	27
3.3 Revisão bibliográfica	27
3.4 Procedimentos metodológicos	27
3.4.1 Tipos de pesquisa	28
3.4.2 A coleta de dados	28
3.5 Análise e interpretação dos dados	29
3.5.1 Questionários	30
3.5.2 Análise de conteúdo e documental	31
3.6 Conclusões e recomendações	32
3.7 Apresentação oral da monografia	32

3.7.1 Organização e apresentação dos <i>slides</i>	32
3.7.2 A técnica da apresentação oral da monografia	33
3.8 Atividade prática	33
Referências	34
Anexo A – Órgãos governamentais brasileiros, Instituições e Institutos de Pesquisa, Instituições internacionais	37
Anexo B – Aspectos práticos de revisão textual	39
Apêndice – A importância do estudo e da leitura	53

A disciplina **Elaboração de Monografia** – DERAD 023, oferecida no final do Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER), objetiva preparar o aluno, com base em uma perspectiva multidisciplinar, para produzir seu trabalho de conclusão de curso.

Durante a realização das demais disciplinas que compõem a grade curricular do Curso, o estudante foi incentivado a conhecer e a analisar, a partir de diferentes enfoques, a realidade agrária, em seu contexto local e regional, com vistas a atuar efetivamente como agente social de transformação dos fatores limitantes do desenvolvimento rural. Nesse sentido, a elaboração da monografia de final de curso constitui-se em uma oportunidade ímpar para o estudante inter-relacionar os conteúdos das disciplinas cursadas, elaborando uma síntese pessoal em torno de um tema ou assunto que considere relevante no contexto das diferentes disciplinas estudadas.

Em tal contexto, semelhantemente ao que ocorre nos cursos presenciais, a elaboração da monografia em um curso a distância configura-se como um momento especial, no qual cada formando terá a oportunidade de aplicar articuladamente os conteúdos assimilados no decorrer de sua formação acadêmica. Assim sendo, esse momento deve ser visto como uma espécie de coroamento, como o apogeu da formação em nível superior, pois sinaliza o término de um percurso em que o estudante se dedicou intensamente ao estudo dos conteúdos ministrados, adquiriu conhecimento nas diversas áreas relacionadas ao desenvolvimento rural e aprendeu a refletir criticamente sobre a problemática do desenvolvimento rural.

Para realizar essa tarefa derradeira, o estudante disporá de orientação adequada para estruturar seu projeto de tal forma que esse projeto contemple as etapas relevantes de um processo investigativo. Nessa perspectiva, os tutores a distância constituem os elos de intermediação necessários para que a comunicação entre orientadores e estudantes prospere. Além disso, os tutores a distância também constituem canais estimuladores para a realização da tarefa, pois auxiliarão os concluintes do curso a mergulharem na temática que elegeram investigar, reduzindo assim as dificuldades naturais que os estudantes porventura venham a enfrentar na elaboração da monografia de final de curso. Asseguradas a comunicação clara e eficiente com o orientador e a relação produtiva que se estabelece entre tutor e aluno, encontram-se reunidas as condições para a maximização da busca teórico-metodológica que embasará o desenvolvimento adequado do tema de pesquisa, do empreendimento analítico e da observação dos resultados obtidos.

O presente Manual Didático, que visa a auxiliar o estudante a ter êxito durante as diferentes etapas da elaboração de seu trabalho de final de curso, é obra conjunta de uma equipe de cinco autores: Egon Roque Fröhlich¹, Simone Bochi Dorneles² (organizadores), Márcio Zamboni Neske³, Nilson Binda⁴ e Stella Maris Nunes Pieve⁵. O Manual está organizado em três Unidades:

Unidade 1 – Processo de elaboração de monografia

Unidade 2 – Etapas da proposta do trabalho monográfico

Unidade 3 – A construção da monografia

Na primeira Unidade, são destacados os passos iniciais para a elaboração do trabalho; na segunda, são focalizadas as etapas necessárias para que se possa planejar a proposta de pesquisa; e na terceira, mostra-se de forma mais detalhada como desenvolver cada uma das etapas implicadas na construção da monografia.

Egon Roque Fröhlich
Simone Bochi Dorneles

1 Ph. D. em Mass Communications pela Universidade de Wisconsin, Madison, EUA; Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Mestre em Direção de Organizações pela Universidad Del Museo Social Argentino (Argentina); mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina; doutoranda em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul/RS.

3 Biólogo; mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutorando em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS.

4 Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutorando em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS.

5 Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutoranda em Antropologia Social pela UFRGS.

INTRODUÇÃO

A Unidade 1 aborda os passos iniciais que o estudante deve dar para ser bem-sucedido na elaboração da monografia. Escrever uma monografia constitui-se em um processo lento, que exige persistência e disciplina pessoal e pressupõe, como imprescindível, a realização de leituras de teorias e autores de pesquisa reconhecidos, estudados no decorrer do curso.

OBJETIVOS

Os objetivos da Unidade 1 são:

- (i) oferecer ao discente a oportunidade de conhecer o processo de elaboração da monografia de conclusão do curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural; e
- (ii) apresentar ao estudante os requisitos necessários à estruturação e redação adequada de uma monografia.

1.1 CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO CIENTÍFICO⁶

A maioria dos autores que tratam da metodologia de trabalhos acadêmicos e científicos dedica parte de sua exposição a aspectos linguísticos da redação de tais trabalhos. Aqui será apresentada uma introdução sinóptica sobre a matéria, com base em vários autores, selecionados dentro da vasta bibliografia que aborda o assunto: Salomon (1974), Severino (1976), Salvador (1977), Cervo e Bervian (1977), Asti Vera (1980), Lakatos e Marconi (1991, 1997) e Abreu (2006).

É preciso lembrar, antes de mais nada, que a linguagem científica tem função essencialmente informativa e técnica, ficando relegadas a um segundo plano sua função expressiva (expressão de emoções e sentimentos) e sua função persuasiva (discurso retórico que visa a atuar sobre a vontade do leitor). Enquanto informativa, essa linguagem

⁶ Este texto, inédito, é de autoria de Ignacio Antonio Neis, a quem agradecemos por ter autorizado sua publicação neste Manual.

situa-se na ordem cognoscitiva e racional e, por isso, é dissertativa; enquanto técnica, ela visa a transmitir conhecimentos e, por isso, é acadêmica e didática.

O discurso científico reveste várias características gerais:

- ▶ a clareza: o texto deve tornar compreensível ao leitor aquilo que o autor quer transmitir, evitando ambiguidades e obscuridades de expressão;
- ▶ a concisão: a expressão deve ser breve e limitar-se ao necessário, descartando repetições, adjetivações e informações não pertinentes ao tema;
- ▶ a precisão: o texto há de dizer exatamente o pensamento que se deseja exprimir, evitando generalizações;
- ▶ a objetividade: o discurso que veicula conhecimentos científicos deve refletir a própria natureza da ciência e ter caráter impessoal; para tanto, substitui o uso da primeira pessoa do singular pela terceira pessoa, priorizando expressões como “este estudo”, “o presente trabalho”, “o resultado da pesquisa”, etc., e abstendo-se de manifestar impressões subjetivas, não fundadas em dados investigados.

O tratamento científico de um tema requer a utilização de um vocabulário técnico e de uma terminologia específica, ou seja, de termos com significação unívoca e delimitada, o que implica evitar a imprecisão vocabular, ou seja, o uso de palavras com sentido vago, ambíguo ou abrangente.

Além do uso de um vocabulário adequado a cada área do conhecimento, o discurso científico requer cuidado especial no nível da fraseologia. As frases, os períodos devem traduzir o desenvolvimento lógico do pensamento. É aqui que se chega ao nível mais amplo, o da construção do texto. Nos períodos, as ideias são organizadas e relacionadas entre si. Assume função relevante, nesse gênero de discurso, o uso de nexos para exprimir os diferentes tipos de relações que traduzem a argumentação lógica, tais como: causa (*já que, visto que, porque, devido a, ...*), consequência (*portanto, pois, conseqüentemente, por isso, ...*), oposição (*mas, porém, todavia, entretanto, ...*), concessão (*ainda que, embora, ...*), e assim por diante. Convém evitar períodos longos e com estruturação muito complexa, entrecortados por explicações e/ou exemplos inapropriados, pois eles comprometem a clareza e a compreensão do texto, tornando a leitura onerosa. Deve ficar claro, para o leitor, o encadeamento das ideias, a relação entre os parágrafos e a estruturação do texto no nível do pensamento, do raciocínio e da demonstração.

O texto científico procura evitar tanto a linguagem familiar e vulgar quanto a linguagem rebuscada e literária, a ironia e os recursos retóricos. Para que esse tipo de texto, como um todo, seja claro, preciso, objetivo e fluente, o autor há de esmerar-se na revisão da linguagem, especialmente no que concerne aos seguintes aspectos: ortografia, uso de sinais de pontuação, de hifens, de itálicos, negritos e aspas, cra-

se, regência nominal, regência verbal, concordância nominal, concordância verbal, substituição lexical e retomada pronominal, uso dos tempos e modos verbais⁷.

1.2 CONCEITO DE MONOGRAFIA

É sabido que há diferentes níveis de relatórios de conclusão de cursos universitários. Assim, ao doutorando cabe elaborar a tese de conclusão de seu programa de pós-graduação. Nesse caso, trata-se de trabalho aprofundado que potencialmente traz uma contribuição teórica nova ao conhecimento científico. O mestrando, por sua vez, também em nível de pós-graduação, elabora uma dissertação, cuja exigência é de nível inferior à da tese de doutoramento, mas cuja composição, como o termo sugere, gira em torno da discussão de um tema em profundidade. Também do estudante que conclui curso de especialização tanto quanto daquele que termina curso de graduação, requer-se a apresentação por escrito de uma monografia, geralmente identificada como monografia de conclusão de curso.

Durante a etapa final de um currículo de graduação, é a elaboração da monografia que se constitui no exercício acadêmico mais exigente e que melhor traduz o efetivo aprendido. Nesse sentido, a monografia representa muito mais do que uma mera exigência formal de trabalho de conclusão de curso (TCC). Ela pressupõe amplas possibilidades de estudar e pesquisar em torno de numerosos conceitos e reflexões teóricas de diferentes autores e estudiosos da ciência em geral. É uma oportunidade ímpar que se oferece ao estudante de efetuar a síntese própria de seu curso universitário, aprofundando um tópico ou tema de sua escolha, para elaborá-lo e fundamentá-lo com base na literatura especializada e, principalmente, valendo-se de sua própria criação e reflexão.

O conteúdo etimológico do termo *monografia* provém da junção de duas palavras da língua grega: *mónos*, cujo significado é ‘único’, ‘um só’, e *gráphein*, que significa ‘escrever’. Assim, a monografia implica a escrita de um trabalho único, focando um tema específico; ou seja, um trabalho orientado para uma realidade delimitada e para determinada finalidade (LIMA, 2008).

A literatura específica sobre metodologia de trabalhos científicos geralmente conceitua a monografia manifestando o entendimento de seus autores sobre essa produção acadêmica e suas contribuições à ciência. São apresentados, a seguir, alguns conceitos de monografia contidos em manuais de metodologia científica, propiciando obviamente ao estudante fazer sua opção conceitual.

Conforme Lakatos e Marconi (1997), a monografia consiste em uma “descrição ou tratado especial de determinada parte de uma ciência qualquer”. Ela é, no

⁷ Leia, no Anexo B (p. 39), o texto intitulado "Aspectos práticos de revisão textual", que apresenta exemplos nos quais se observam problemas de não-obediência à norma culta ou de falta de clareza devido a construções que contrariam as normas gramaticais vigentes, acompanhados das respectivas propostas de correção e de comentários explicativos.

dizer das autoras, “um estudo sobre um tema específico ou particular com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos” (p. 235). Trata-se, portanto, de um trabalho específico, sistemático e completo sobre um tema delimitado.

Para Lima (2008), a monografia, na formação intelectual, “representa o ápice de uma pirâmide em cuja base estão *o método* e as *práticas de estudos eficazes*”, configurando “*um ritual de passagem*” que promove o crescimento e a maturidade intelectual do formando. Além disso, estabelece uma “relação de interdependência entre os universos teóricos e práticos” (p. 11).

Dando continuidade à abordagem da monografia no contexto da formação acadêmica, e concebendo-a como tratamento por escrito de determinado assunto, o pensamento de Asti Vera (1980) é o de que “as *monografias* científicas (no sentido amplo do termo) constituem a concretização de um domínio do tema tratado”. Para se chegar a esse domínio, é preciso seguir passo a passo suas partes. O autor também conceitua a monografia como “o tratamento por escrito de um tema específico [...] bem delimitado” (p. 164).

1.3 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Nas obras que abordam a metodologia do trabalho científico, encontram-se orientações gerais semelhantes não somente no que concerne aos procedimentos a serem adotados para o planejamento e a execução de pesquisas, como também no tocante à estruturação e à elaboração de trabalhos científicos ou monográficos. São essas orientações que presidem ao que se expõe e se propõe ao longo deste Manual⁸.

Os trabalhos monográficos, nas diferentes áreas do vasto campo da ciência, apresentam, via de regra, uma estrutura similar, estando sistematicamente apoiados no seguinte tripé: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Em relação à forma ou à estrutura em si, as partes são, portanto, idênticas; elas variam, no entanto, em relação às temáticas abordadas, aos enfoques propostos, ao uso de diferentes métodos e técnicas de pesquisa, de acordo com sua adequação aos contextos de pesquisa delineados.

A seguir, são definidas as funções básicas dessas três partes.

⁸ Além das obras citadas em diferentes partes do presente Manual, recomenda-se a consulta de outras, com destaque para ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER (1998), BEAUD (1996), D’ONOFRIO (2000), FURASTÊ (2010), MARCONI; LAKATOS (1996), MARTINS (2002), MARTINS JUNIOR (2008), PÁDUA (1996) e VIEGAS (2007).

1.3.1 Introdução

É um convite ao leitor, que o introduz na leitura do texto, incitando sua curiosidade, para que o percorra até o fim. Sua extensão depende do estilo e da própria visão do autor a respeito do tema. A introdução traz a formulação simples e clara do tema da investigação. Nela, explicita-se a pergunta a ser respondida e levanta-se a questão de sua atualidade e relevância. Ela inclui breve referência a teorias, relacionando-as com trabalhos anteriores em torno do mesmo tema; e define com precisão os objetivos da investigação. Expressivo número de textos metodológicos sugere que o autor da pesquisa formule na introdução o tema em forma de questionamento ou de pergunta. Por exemplo: Quais são as causas dos acidentes de trânsito no estado do Rio Grande do Sul? Quais são os efeitos do consumo de drogas entre a juventude gaúcha?

1.3.2 Desenvolvimento

No desenvolvimento da monografia, são apresentados os dados coletados em função dos objetivos visados pelo estudo. Descrevem-se os métodos de coleta de informações, tais como entrevistas, questionários, observações, etc. Analisam-se com objetividade e rigor os resultados, confrontando-os com os objetivos propostos e com a própria teoria. O uso de tabelas, quadros e/ou gráficos constitui uma ferramenta de grande valia na exposição e análise dos resultados da pesquisa.

1.3.3 Conclusão

É tarefa difícil redigir conclusões de trabalhos acadêmicos, principalmente sem treino prévio adequado. Uma forma de iniciar a conclusão é retomar os objetivos ou a questão central enunciada na introdução. Em geral, retoma-se a análise efetuada com as descobertas mais significativas dos resultados. Podem ser enfatizados os achados que possivelmente repercutam no desenvolvimento rural local ou regional, ênfase do curso frequentado. A conclusão constitui o fecho do trabalho que foi levado a efeito, unindo as ideias centrais expostas na introdução e confrontando-as com os resultados da análise dos dados. Podem também ser inseridos questionamentos ou novas perspectivas para outros estudos. A conclusão sintetiza o esforço efetuado pelo estudante com a elaboração de sua monografia.

1.4 ATIVIDADE PRÁTICA

Nesta Unidade, foi apresentado o processo de elaboração de uma monografia de conclusão de curso. Para encerrar essa etapa, solicita-se ao estudante, como atividade prática, que, a partir da leitura dos textos e dos debates gerados no fórum de discussão, elabore um texto descrevendo com suas palavras em que consiste um trabalho de conclusão de curso (TCC) e quais são as principais partes que compõem sua estrutura.

INTRODUÇÃO

Os autores geralmente sugerem as seguintes etapas básicas para o planejamento de uma monografia de conclusão de curso: escolha e delimitação do tema da pesquisa; proposta do título do trabalho; justificativa da importância da pesquisa; formulação dos objetivos do estudo; definição da metodologia a ser adotada; e explicitação das fontes de consulta para a elaboração do TCC.

OBJETIVO

O objetivo da Unidade 2 é oferecer ao estudante a oportunidade de entender o processo de elaboração da monografia, conhecendo as fases e etapas que o compõem.

2.1 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO TRABALHO MONOGRÁFICO

Antes de serem abordados os procedimentos de pesquisa que caracterizam as etapas do trabalho monográfico, cumpre destacar algumas orientações importantes que poderão auxiliar na fundamentação teórica do trabalho de conclusão de curso.

2.1.1 A busca de informações

A elaboração da monografia é um processo de etapas interligadas, de aproximações sucessivas, que inicia com a apresentação do tema da pesquisa, a partir de um nível mínimo de informações. Estas originam-se de leituras iniciais sobre a temática, que podem ter sido realizadas nas disciplinas cumpridas ao longo do curso. A busca de informações é útil em todas as etapas da pesquisa, mas sobretudo na etapa exploratória.

O aprofundamento do tema depende, entretanto, da ampliação das fontes de informação, as quais não se encontram somente em livros, periódicos, artigos de eventos, teses, dissertações, como também estão disponíveis, na forma de dados secundários, em órgãos governamentais, universidades, instituições de pesquisa, institutos e fundações, entre outros⁹.

⁹ Ver relação de *sites* de órgãos governamentais brasileiros, instituições e institutos de pesquisa, instituições internacionais no Anexo A, p. 37.

Além das informações obtidas ao cursar as disciplinas, o estudante poderá valer-se de outras fontes de informação, quais sejam: congressos e eventos científicos, ciclos de debates, jornadas acadêmicas, discussões de grupos, seminários integradores, atividades profissionais e observação atenta de seu entorno.

2.1.2 Fontes de informações

A elaboração da monografia tem como base a localização dos estudos existentes sobre o tema a ser estudado; dessa forma, é essencial a consulta de publicações que abordem direta ou indiretamente o tema escolhido. Estas podem ser encontradas em artigos de revistas especializadas, em livros, teses, etc. Numerosas informações importantes constam em anais de congressos científicos nacionais e internacionais, muitas vezes disponíveis em CD-ROM. São exemplos que interessam particularmente os estudantes do PLAGEDER os Anais dos Encontros da Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia (ANPEC) e da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER).

Uma sugestão pertinente é selecionar os autores mencionados em teses e dissertações, ou mesmo em artigos, para buscar localizar suas obras em bibliotecas. Outras fontes constituem as relações de textos publicados em diferentes centros universitários, as bibliografias fornecidas nas bibliotecas e as referências fornecidas por instituições de pesquisa. Se o estudante prestar atenção a essas indicações e sugestões, não correrá o risco de se perder em meio à multiplicidade de informações que hoje estão disponíveis na internet. Outra sugestão é efetuar um corte cronológico, priorizando os artigos e as publicações mais recentes.

2.1.3 Tratamento das informações

O estudante deve iniciar pela leitura sistemática das informações coletadas¹⁰. Na leitura de artigos e teses, convém que ele observe atentamente a metodologia utilizada no estudo e o quadro teórico proposto, analisando os principais autores referenciados. Nessa leitura, ele poderá ter interesse em resumir os principais tópicos relacionados com seu tema de estudo, destacando os aspectos a serem citados em seu próprio trabalho.

Uma forma de citar as fontes na monografia é a paráfrase, quando se reestrutura ou se reformula com suas próprias palavras a passagem citada do autor. É a denominada citação indireta. Outra maneira consiste em citar literalmente, entre aspas, a passagem da obra referida, o que constitui citação direta. Pode-se também recorrer à citação de quadros e de tabelas com dados estatísticos, como no caso de se necessitar, por exemplo, de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou da Fundação Estadual de Estatística (FEE).

10 Ver no Apêndice (p. 53-54) um texto sobre a importância do estudo e da leitura.

2.1.4 Internet

O aluno de um curso de Educação a Distância sabe que o meio mais dinâmico de acesso a informações e a pesquisas é a rede mundial de computadores (*World Wide Web*). As instituições de pesquisa, quer públicas, quer privadas, costumam ter *sites* nos quais estão disponíveis informações sobre os mais variados assuntos. Muitos pesquisadores e autores mantêm seus *sites* próprios, em que publicam resultados de pesquisas e artigos de excelente qualidade acadêmica.

2.2 A ELABORAÇÃO DO PROJETO DA MONOGRAFIA

Nas etapas de elaboração da monografia, segue-se a mesma sistemática adotada para os projetos de pesquisa em geral. A elaboração da proposta inicial da pesquisa considerará basicamente os seguintes itens: introdução ao tema, definição do problema, justificativa e objetivos.

2.2.1 A questão inicial e a exploração do tema

Além das orientações importantes que o estudante encontra no Manual Didático da disciplina **Métodos de Pesquisa**¹¹, lembramos que a definição do assunto ou da área a ser investigada pode dar-se com base na pesquisa bibliográfica, ou na realidade vivenciada durante a realização dos estágios, ou nos trabalhos realizados durante as disciplinas do curso, ou nos seminários integradores, ou nas conversas com professores e tutores, ou ainda em observações feitas no dia a dia, etc.

É importante lembrar que a monografia a ser produzida pelos alunos do PLAGEDER deve responder às demandas e às estratégias de interesse dos decisores locais, regionais e nacionais. Por isso, é indispensável conhecer, para melhor explorá-las, as temáticas disponibilizadas pela Coordenação do Curso, a saber, os Eixos Temáticos para a Monografia do PLAGEDER:

- ▶ Gestão e planejamento de unidades de produção agrícola;
- ▶ Gestão e planejamento de organizações agroindustriais;
- ▶ Ações e experiências em desenvolvimento rural em nível local e regional;
- ▶ Políticas públicas e desenvolvimento rural;
- ▶ História agrária e desenvolvimento local/regional;
- ▶ Etnodesenvolvimento e movimentos sociais rurais;
- ▶ Questão ambiental e meio ambiente;
- ▶ Turismo rural;
- ▶ Educação no campo;

11 Recomenda-se ao estudante que leia as seções 3.2 (Processo de elaboração da pesquisa científica) e 4.1 (Estrutura do projeto de pesquisa), em GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 46-63 e 65-87, respectivamente. Será igualmente útil a leitura do texto da Unidade 5 (Elaboração de relatórios e informes), de GEHLEN, 2010, p. 53-59.

- ▶ Segurança alimentar;
- ▶ Temas emergentes: agrocombustíveis, biotecnologia, etc.

Selecionados os eixos para a pesquisa exploratória, o estudante poderá achar interesse em buscar informações adicionais sobre o assunto, para estar em condições de propor a definição do tema a ser investigado.

Algumas questões auxiliam nesta etapa:

- ▶ O tema é relevante na atualidade?
- ▶ O assunto é original, além de ser inovador?
- ▶ Até que ponto o tópico tem sido explorado por estudiosos e cientistas?
- ▶ Tenho condições intelectuais e de formação acadêmica para trabalhar durante vários meses com esse tema e aprofundá-lo?
- ▶ Esse tema possibilita-me prosseguir eventualmente em algum programa de pós-graduação?
- ▶ Que utilidade o aprofundamento desse tema propicia para minha atividade profissional?

2.2.2 A problemática

Coletadas as informações e concluída a fase exploratória, com o tema já claramente definido, é possível partir para a formulação do problema a ser investigado. Um problema, em qualquer área do conhecimento humano, é uma questão não resolvida, objeto de discussão. Porém, nem todo problema é passível de tratamento científico.

Certas questões caracterizam-se como “problemas de engenharia”, pois, na forma como são propostos, não possibilitam a investigação científica. Assim, constituem problemas de engenharia: O que pode ser feito para melhorar a distribuição de renda? Como aumentar a produtividade na propriedade rural? Como melhorar a educação? Também não são científicos os “problemas de valor”, que indagam se algo deve ou deveria ser feito. Exemplos de problemas de valor: Qual é a melhor técnica agrícola? É bom adotar produção de base ecológica? Os pais devem bater nos filhos? Tais problemas de engenharia e de valor não possibilitam investigação científica: não são passíveis de verificação empírica, pois não estão associados a variáveis que possam ser testadas. São questões eminentemente valorativas.

Oferecem-se, no quadro a seguir, alguns exemplos de situações problemáticas que podem ser úteis para essa fase de seu estudo¹².

12 Orientações relevantes para essa construção encontram-se na seção 3.2.2.3 (Terceira etapa: a problemática), em GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 52-53.

Eixo temático	Tema	Problema de pesquisa
Experiências locais de desenvolvimento rural	Associações comunitárias	Como a UNAIC (União de Associações Comunitárias do Interior de Canguçu) contribui para o fortalecimento e o desenvolvimento da agricultura familiar no município de Canguçu/RS? De que forma suas ações e seus princípios norteadores influenciam os agricultores familiares?
Educação no campo	A educação do campo no Brasil	Quais são as concepções teórico-conceituais no cenário das políticas públicas brasileiras sobre a educação no campo?
História agrária e desenvolvimento local/regional	O papel da fumicultura enquanto estimuladora e/ou limitadora do desenvolvimento tipicamente capitalista de Santa Cruz do Sul	A indústria fumageira “básica-motriz” foi (e está sendo) capaz de alavancar a diversificação produtiva regional nos patamares necessários à sustentabilidade do desenvolvimento capitalista do território?
Turismo rural	Turismo rural	Quais são os fatores que estimulam agricultores familiares a exercerem a atividade do turismo rural?
Questão ambiental e meio ambiente	Os impasses em torno da legislação ambiental no estado do Rio Grande do Sul	Quais são os elementos que estão sendo disputados no impasse sobre a legislação ambiental, e por quais grupos sociais, no município de Santo Antônio da Patrulha?

Elaborado pelos autores deste Manual.

2.2.3 A justificativa

Tradicionalmente, todos os projetos de pesquisa apresentam uma justificativa para o problema de pesquisa, a fim de demonstrar sua relevância social e científica, sua originalidade, sua viabilidade, seus impactos e benefícios para a área de conhecimento em questão. Na prática, a justificativa responde à pergunta “Por que realizar essa pesquisa?”. Alguns questionamentos poderão auxiliar o estudante na elaboração desse item: O tema é relevante? É atual? Quais são os benefícios e impactos que se esperam para o conhecimento na área? A pesquisa é exequível e aplicável à sociedade? A quem poderá interessar e beneficiar?

A justificativa, que deverá constar na introdução da monografia, constitui uma exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornem relevante a realização do estudo. Sua redação requer habilidade na argumentação e na capacidade de convencimento do leitor.

2.2.4 A formulação dos objetivos

Os objetivos explicitam o que se pretende alcançar com a execução da pesquisa e delimitam as principais questões a serem investigadas. Em outras palavras, eles respondem à pergunta “Para que realizar a pesquisa?”.

Na maioria dos estudos, distingue-se o objetivo geral dos objetivos específicos. O objetivo geral, que se refere às implicações teóricas e práticas do estudo em si,

está diretamente atrelado ao problema da pesquisa e à(s) hipótese(s), se houver. Os objetivos específicos, por seu turno, estão relacionados aos aspectos do problema que serão objeto de investigação em sua operacionalização no mundo empírico. A consecução dos objetivos específicos propicia concretizar o objetivo geral.

Usualmente, os objetivos são redigidos na forma de itens que iniciam com verbos no infinitivo, tais como, por exemplo, descrever, verificar, analisar, constatar, identificar, planejar, comparar, aprofundar, ou outros.

Alguns exemplos são apresentados no quadro a seguir.

Problema de pesquisa	Objetivo geral	Objetivos específicos
Como a UNAIC (União de Associações Comunitárias do Interior de Canguçu) contribuiu para o fortalecimento e o desenvolvimento da agricultura familiar no município de Canguçu/RS? De que forma suas ações e seus princípios norteadores influenciam os agricultores familiares?	Analisar as ações e os valores defendidos pela UNAIC que visam a fortalecer e a desenvolver os agricultores familiares, tendo em vista não somente as condições limitantes do município, mas a própria supressão e ausência de perspectivas intrínsecas da modernização conservadora da agricultura.	<p>(i) Identificar e apresentar a trajetória, a estrutura, os valores e as mudanças da UNAIC ao longo de seus 20 anos.</p> <p>(ii) Identificar e analisar as diferentes atividades, iniciativas e direcionamentos da UNAIC para promover o desenvolvimento da agricultura familiar.</p> <p>(iii) Analisar o processo de implantação do PNPB (Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel) e seus reflexos para a UNAIC.</p>
Quais são as concepções teórico-conceituais no cenário das políticas públicas brasileiras sobre a educação no campo?	Analisar as concepções teórico-conceituais no cenário das políticas públicas brasileiras sobre a educação no campo.	<p>(i) Analisar as políticas públicas sobre a Educação do Campo no Brasil.</p> <p>(ii) Identificar os antecedentes históricos da Educação do Campo no Brasil, diferenciando <i>campo</i> de <i>rural</i>.</p> <p>(iii) Verificar os diferentes aspectos relacionados aos problemas e lacunas da Educação do Campo no Brasil.</p>
A indústria fumageira “básica-motriz” foi (e está sendo) capaz de alavancar a diversificação produtiva regional nos patamares necessários à sustentabilidade do desenvolvimento capitalista do território?	Analisar os impactos e os limites da indústria fumageira enquanto indústria básica regional para o crescimento e o desenvolvimento do nível de atividade econômica verificado em Santa Cruz do Sul.	<p>(i) Investigar o processo de especialização produtiva regional.</p> <p>(ii) Identificar e sistematizar as modernas interpretações sobre o processo de endogeneização do desenvolvimento econômico regional.</p> <p>(iii) Explicitar os efeitos de indução na produção de bens e serviços a jusante e a montante da cadeia produtiva.</p> <p>(iv) Analisar os vínculos econômicos regionais para com essa indústria a partir das receitas obtidas pelo poder público.</p> <p>(v) Relacionar a concentração de renda e o desenvolvimento econômico local a partir da atual estrutura produtiva da região.</p>
Quais são os fatores que estimulam agricultores familiares a exercerem a atividade do turismo rural?	Identificar os fatores que estimulam a geração da atividade do turismo rural entre agricultores familiares.	<p>(i) Identificar quais foram as motivações dos agricultores familiares para aderir à atividade do turismo rural.</p> <p>(ii) Caracterizar em aspectos econômicos e ambientais as Unidades de Produção Agrícola que exercem a atividade do turismo rural.</p> <p>(iii) Verificar se há estímulo do poder público para a geração da atividade do turismo rural na agricultura familiar.</p>
Quais são os elementos que estão sendo disputados no impasse sobre a legislação ambiental, e por quais grupos sociais, no município de Santo Antônio da Patrulha?	Analisar os elementos que estão sendo disputados no impasse sobre a legislação ambiental, verificando quais são os grupos sociais envolvidos no município de Santo Antônio da Patrulha.	<p>(i) Identificar o perfil dos envolvidos na disputa.</p> <p>(ii) Descrever os argumentos apresentados pelos envolvidos.</p> <p>(iii) Analisar a legislação em litígio e propor soluções.</p>

Elaborado pelos autores deste Manual.

Apresentamos, a seguir, um exemplo hipotético de estrutura da parte introdutória de uma monografia.

1. Tema: Evasão do homem do campo.

2. Problema: Que fatores têm contribuído para a evasão do homem do campo para as áreas urbanas?

3. Justificativa: Nas duas últimas décadas, o fluxo de êxodo do campo acentuou-se no Rio Grande do Sul. Vários fatores podem ter contribuído para essa evasão. Alguns teóricos afirmam que um desses fatores é a introdução da mecanização no campo, ou a capitalização do homem do campo. Outros apontam como fator relevante a impossibilidade que têm os agricultores de saldar empréstimos tomados em agências creditícias. Outras causas citadas seriam a atração de estudos universitários, a possibilidade de emprego em indústrias e setores calçadistas na cidade, etc. Assim sendo, parece ser importante investigar os fatores e as causas que contribuíram para o deslocamento de populações das áreas rurais para as áreas urbanas.

4. Objetivo geral: Avançar no entendimento teórico do processo de evasão do campo para áreas urbanas, a fim de compreender as diferentes abordagens desse processo.

5. Objetivos específicos:

(i) Verificar se a capitalização do campo contribuiu para a evasão de populações de áreas rurais.

(ii) Avaliar o tamanho da propriedade que os produtores rurais possuíam antes de sua evasão.

(iii) Verificar a situação da família e o nível de escolaridade dos evadidos do campo.

(iv) Analisar a participação das famílias de camponeses em entidades sindicais ou em cooperativas agrícolas.

(v) Oferecer subsídios a instituições públicas para que possam estabilizar ou reduzir os fluxos de evasão do homem do campo para centros urbanos.

Elaborado por Egon Roque Fröhlich, 2011.

2.2.5 A revisão bibliográfica

Na literatura de pesquisa, o termo *revisão bibliográfica* às vezes é usado como equivalente de fundamentação teórica, revisão teórica, abordagem teórica, teoria, marco, quadro ou modelo teórico, ou, ainda, revisão de literatura.

Nessa etapa, apresenta-se o “estado da arte”, ou seja, a produção científica produzida na área em estudo. Para essa construção, é necessária a leitura das fontes de informação, conforme foi exposto acima, na seção 2.1, intitulada “A fundamentação teórica do trabalho monográfico”. Lembramos que outras sugestões sobre leitura se encontram no Apêndice, sob o título “A importância do estudo e da leitura”.

Destacamos, a seguir, algumas etapas da revisão bibliográfica que Brumer et al. (2008, p. 132) consideram relevantes para os fins da pesquisa:

- ▶ *identificação*: busca de informações em obras de referência (catálogos, bibliografias especializadas, *abstracts*, índices, resenhas) e bases de dados;
- ▶ *localização*: registro do local em que se encontra material (editoras, catálogos coletivos, bancos de dados e bibliotecas);
- ▶ *compilação*: reunião do material (livros, periódicos, fotocópias, microfilmes e material coletado da internet, entre outros);
- ▶ *leitura sistemática e fichamento*: registro de fontes e conteúdos diversos, como dados bibliográficos, documentos, citações (transcrições literais), resumos ou comentários pessoais do pesquisador; e
- ▶ *avaliação crítica*: leitura seletiva, segundo critérios previamente estabelecidos.

A revisão de literatura é a oportunidade para se aprofundarem questões relevantes relacionadas com a pesquisa do estudante, o que ele deve fazer consultando diretamente as fontes de informação. Nesse sentido, evite-se, na medida do possível, a utilização da “citação da citação”, indicada por meio da palavra latina *apud* ou de seu equivalente em português, “citado por”; esse recurso só deve ser empregado quando a obra original não está disponível para consulta, ou quando se encontra editada em idioma que o pesquisador desconheça. O pesquisador deve transcrever ou parafrasear fielmente as passagens citadas dos autores mencionados, abstendo-se de fazer citações sem referir as respectivas fontes, para não incorrer em plágio¹³.

2.2.6 A metodologia

Esta etapa define os métodos e as técnicas a serem utilizados, além das estratégias de pesquisa, ou seja, do caminho a ser trilhado para encontrar a solução do problema da pesquisa e atingir os objetivos inicialmente propostos.

Trata-se de um processo de escolhas: Que tipo de estudo será realizado? Como se caracterizará a pesquisa? Qual será a população e/ou a amostra do estudo? Onde será realizada a pesquisa? Que procedimentos serão utilizados para sua execução? Qual será a técnica de coleta de dados e como eles serão tratados?

Para a execução dessa parte da monografia, o estudante contará com o apoio de seu orientador.

2.3 ATIVIDADE PRÁTICA

Nesta Unidade, foram trabalhadas as etapas do trabalho monográfico: a busca de informações, a definição do tema e da problemática de pesquisa, a justificativa, os objetivos gerais e específicos do trabalho, bem como a revisão de literatura e os

¹³ Ver, em GERHARDT; SILVEIRA, 2009, a seção 5.2 (Ética, plágio), p. 92, e o Anexo D (Plágio eletrônico e ética), p. 113-114.

procedimentos metodológicos. Com base nesse conteúdo, a atividade prática propõe que o estudante associe a leitura dos textos indicados a um exercício de pesquisa no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME/UFRGS). Este consiste em um portal de acesso a documentos digitais gerados no âmbito da Universidade, tais como trabalhos de conclusão de cursos (TCC), ou monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O exercício consiste, concretamente, em escolher um trabalho de conclusão de curso de graduação em sua área de pesquisa e, com base na respectiva introdução, identificar o **tema**, o **problema** e os **objetivos gerais e específicos** propostos pelo autor do trabalho em questão.

Como material de apoio, o estudante tem à sua disposição o *site* do LUME (<http://www.lume.ufrgs.br/>) e o fórum de dúvidas e debates sobre o exercício.

INTRODUÇÃO

Na elaboração da monografia em si, quer se trate de pesquisa bibliográfica, quer de pesquisa de campo, são inseridos os seguintes itens: o título provisório ou definitivo, a introdução, a delimitação do tema, a formulação do problema, a justificativa, os objetivos geral e específicos, a revisão de literatura, os procedimentos metodológicos, a análise dos resultados, as conclusões e as considerações finais.

OBJETIVO

Esta Unidade tem por objetivo auxiliar o estudante na elaboração de sua monografia; para tanto, serão retomados os itens relativos à elaboração do projeto, acrescidos da análise dos dados e das considerações finais.

3.1 AS ETAPAS DA MONOGRAFIA

As etapas de elaboração da monografia estão diretamente relacionadas ao que foi exposto para a elaboração de seu projeto. Não se trata de um novo trabalho, mas, sim, da continuidade do trabalho construído na primeira fase. O projeto é o planejamento da ação, para que se possa chegar a contento às respostas à questão de pesquisa formulada e aos objetivos propostos.

Apresenta-se, abaixo, uma figura onde as cores das partes do projeto estão relacionadas à concepção da estrutura da monografia.

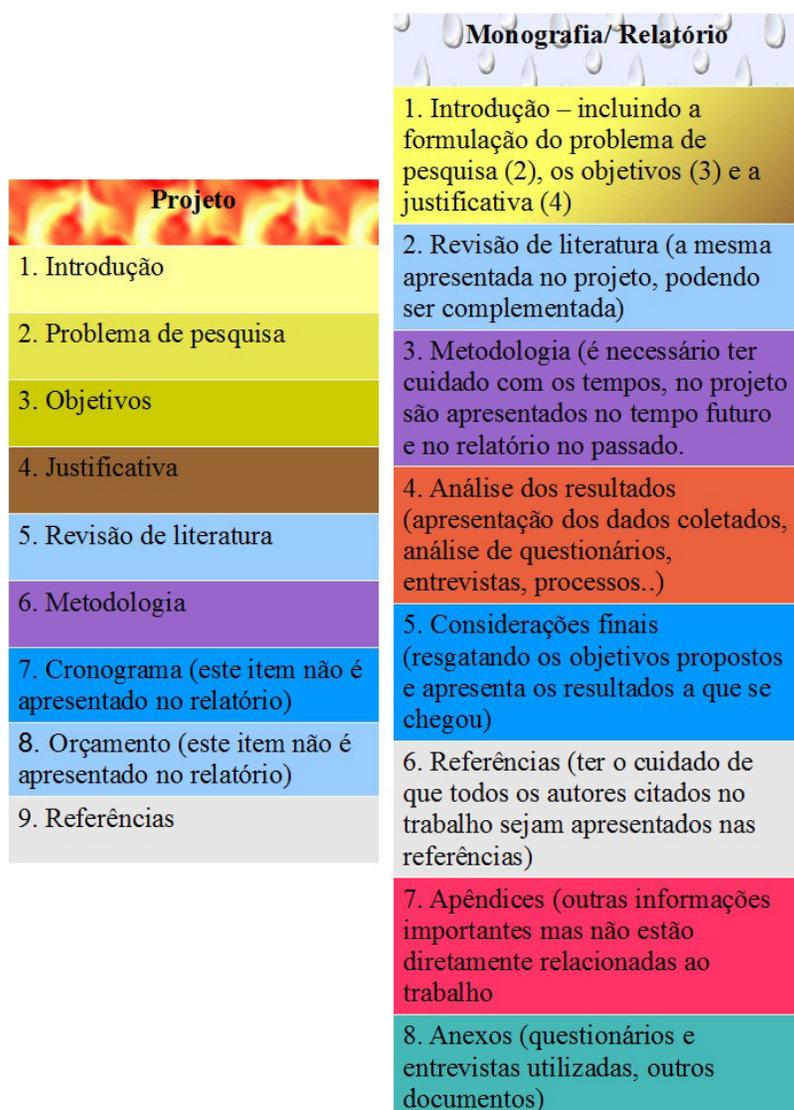


Figura 1 – As etapas da monografia
Elaborado por Simone Bochi Dorneles, 2011.

Salienta-se que a parte superior da figura indica o estado de ânimo que envolve cada uma das etapas. A fase de elaboração do projeto constitui uma fase de efervescência de ideias; as chamas representam o calor dessa fase, em que os confrontos de teorias, reflexões e pensamentos são mais contraditórios e de difícil síntese. Na fase de elaboração da própria monografia, o estado de calma ou tranquilidade da água está relacionado à serenidade necessária para se poder desenvolver e elaborar com êxito a redação do trabalho de conclusão.

3.2 ELABORAÇÃO DA PARTE INTRODUTÓRIA DA MONOGRAFIA

Convém lembrar que, na apresentação da monografia, podem ser reestruturados muitos aspectos elaborados durante o projeto, tais como a introdução, o problema de pesquisa, os objetivos e as justificativas. No projeto, eles podem ser apresentados em seções separadas; na monografia, entretanto, eles são aglutinados em um texto único que compõe a introdução. Na figura 1, acima, as cores mescladas na parte da introdução representam essa composição.

3.3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As pesquisas científicas estão apoiadas nas teorias dos estudiosos, especialistas e cientistas. A revisão bibliográfica é uma parte muito importante em todos os projetos de pesquisa levados a efeito em institutos de pesquisa, em universidades e na academia em geral.

A revisão bibliográfica estabelece a relação básica que o estudo proposto tem com outros estudos efetuados sobre o mesmo tema. É importante não apenas mostrar a relação do projeto que se está propondo com outras pesquisas, mas ater-se, nessa revisão, aos conteúdos pertinentes relacionados com o tema que se visa estudar.

Sugere-se que o autor da monografia, na revisão de literatura, adote uma seqüência temporal, ou seja, que relate como o mesmo problema foi abordado ao longo do tempo, com enfoques similares, vindo do passado ao presente. Sugere-se, ainda, que ele apresente os conteúdos partindo do geral para o particular.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta etapa compreende a definição das estratégias de pesquisa, ou do caminho a ser trilhado pelo pesquisador para encontrar as respostas ao problema de pesquisa que ele propôs.

Trata-se de um processo que consiste em decidir que tipo de estudo se pretende realizar, como se caracterizará a pesquisa (quantitativa ou qualitativa), qual será a população e/ou a amostra do estudo, qual será o local ou o contexto de realização do estudo, quais serão os procedimentos (instrumentos) adotados para efetuar a coleta de dados, e como os dados coletados serão tratados (porcentagens, testes estatísticos, etc.).

Nesse sentido, conforme Minayo (1994), a metodologia não contempla apenas a fase de exploração de campo (escolha da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e preparação das estratégias para ir a campo), mas permite também definir os instrumentos e procedimentos para a análise dos dados. Por isso, além de ser uma etapa importante do trabalho, onde se definem os métodos e as técnicas a serem utilizados, a metodologia é também um indicativo das opções que estão relacionadas ao quadro teórico utilizado pelo pesquisador.

3.4.1 Tipos de pesquisa

O Manual Didático da disciplina DERAD 005, intitulado *Métodos de Pesquisa*, apresenta uma descrição detalhada dos diferentes tipos de pesquisa quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos e aos procedimentos. Por isso, recomenda-se que o estudante leia integralmente a seção 2.1 desse Manual¹⁴, para poder escolher o tipo de pesquisa e os procedimentos metodológicos que mais convierem a seu trabalho monográfico. A relação dos tipos de pesquisa ali contemplados é a seguinte:

- ▶ quanto à abordagem: (i) pesquisa qualitativa e (ii) pesquisa quantitativa;
- ▶ quanto à natureza: (i) pesquisa básica e (ii) pesquisa aplicada;
- ▶ quanto aos objetivos: (i) pesquisa exploratória, (ii) pesquisa descritiva e (iii) pesquisa explicativa;
- ▶ quanto aos procedimentos: (i) pesquisa experimental, (ii) pesquisa bibliográfica, (iii) pesquisa documental, (iv) pesquisa de campo, (v) pesquisa *ex-post-facto*, (vi) pesquisa de levantamento, (vii) pesquisa com *survey*, (viii) estudo de caso, (ix) pesquisa participante, (x) pesquisa-ação, (xi) pesquisa etnográfica e (xii) pesquisa etnometodológica.

3.4.2 A coleta de dados

Definido o tipo de pesquisa, é chegado o momento de planejar a execução da pesquisa propriamente dita. O tipo de pesquisa determinará os procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Esta requer do estudante pesquisador paciência e persistência, além do meticuloso registro das informações.

Há uma variedade de possíveis procedimentos e instrumentos de coleta de dados; porém, conforme Gerhardt (2009)¹⁵, três questões são pertinentes nesta etapa:

- ▶ **O que coletar?** Devem ser coletados os dados necessários e suficientes para testar os objetivos ou as hipóteses, se houver. Eles devem ser pertinentes em relação ao tema e ao problema da pesquisa.
- ▶ **Com quem coletar?** É preciso recortar o campo da análise empírica num espaço geográfico e social, bem como num espaço de tempo. Conforme o caso, o pesquisador poderá estudar a população total, ou uma amostra que represente ou ilustre essa população.
- ▶ **Como coletar?** Trata-se de determinar os instrumentos de coleta de dados, o que implica três operações: (i) conceber um instrumento ou técnica capaz de fornecer informações adequadas e necessárias, como, por exemplo, um questionário ou um roteiro de entrevistas ou de observações; (ii) testar o instrumento antes de utilizá-lo, para verificar seu grau de adequação e de precisão; e (iii) colocá-lo em prática para efetuar a coleta de dados prevista¹⁶.

14 GERHARDT; SILVEIRA, 2009, seção 2.1 (Tipos de pesquisa), p. 31-42.

15 Ver GERHARDT; SILVEIRA, 2009, seção 3.2.2.5 (Quinta etapa: a coleta de dados), p. 56.

16 Ver GERHARDT; SILVEIRA, 2009, Exercício de aplicação: concepção da coleta de dados, p. 57-58.

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados segue a lógica dos objetivos da pesquisa formulados no início do projeto. Tudo o que foi proposto nos objetivos e/ou hipóteses é discutido nesta seção, mesmo que haja resultados não satisfatórios ou não previstos. Opiniões pessoais não podem ser misturadas ou confundidas com evidências comprovadas mediante dados analisados objetivamente. É necessário dispor de dados e informações suficientes e confiáveis para enunciar conclusões e inferências ou para proceder a generalizações.

A análise e a interpretação de dados devem ser redigidas com precisão, objetividade, clareza, lógica e correção de linguagem. Na apresentação dos dados, o autor pode valer-se de quadros, tabelas e gráficos, pois estes constituem meios para comunicar de maneira compreensível e eficaz resultados de pesquisas. Às vezes, encontram-se dificuldades para a elaboração ou a reprodução de tabelas e quadros; mas, como eles transmitem muita informação em um espaço limitado, vale a pena investir esforço em sua elaboração.

Gil (2002) detalha o delineamento dos diferentes tipos de pesquisa, apresentando as formas mais adequadas de análise para cada tipo. Cada técnica de coleta de dados exige um tipo diferente de análise. Em pesquisas quantitativas, os dados coletados são tabulados e, a seguir, analisados; nas pesquisas qualitativas, a análise já pode iniciar durante o processo de coleta.

A figura 2, abaixo, apresenta os tipos de instrumentos de coleta de dados mais usuais em monografias, bem como as formas de tabulação e o tipo de análise mais adequados para cada um deles.

Instrumento de coleta de dados	Forma de tabulação	Tipo de análise	Forma de apresentação dos dados no trabalho
Questionário	Planilhas eletrônicas, programas estatísticos	Quantitativa e/ou qualitativa	Gráficos, quadros e tabelas
Entrevista	Programa N-vivo Quadros organizativos	Análise de conteúdo, análise de discurso	Fragments das falas retiradas das entrevistas
Observação	Organização do diário de campo	Análise das anotações	Relatos dos fatos observados
Pesquisa documental	Organização dos documentos	Análise documental e de conteúdo	Fragments dos documentos

Figura 2 – Tipos de instrumentos utilizados na coleta de dados
Elaborado por Simone Bochi Dorneles, 2011.

A seguir, são apresentados exemplos de como se pode organizar a análise de dados na monografia em alguns dos casos acima citados.

3.5.1 Questionários

No caso da aplicação de questionário, recomenda-se organizar os dados coletados em subtítulos, de acordo com as variáveis utilizadas no trabalho, como, por exemplo: perfil dos entrevistados, idade, escolaridade, renda, etc. É importante optar por uma forma de organização dos dados e utilizá-la ao longo de toda a análise. Isso é ilustrado na sequência por meio de um exemplo.

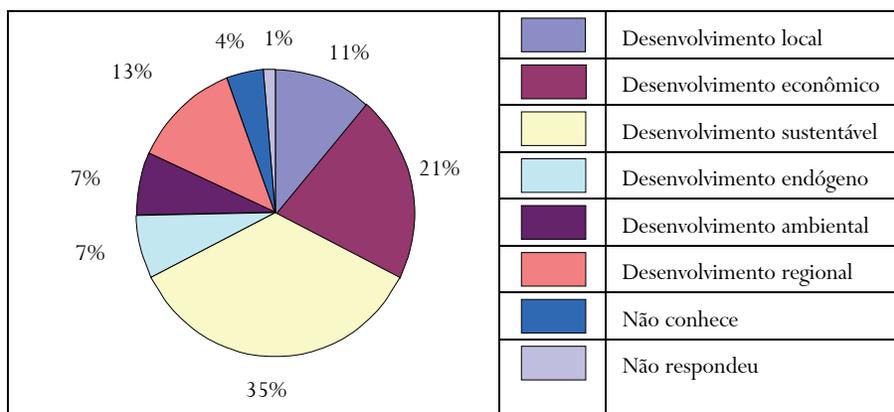


Figura 3: Conceituação mais adequada de desenvolvimento
Elaborado por Simone Bochi Dorneles, 2009.

No exemplo acima apresentado, evidencia-se que, em termos percentuais, 35% dos entrevistados considera o desenvolvimento sustentável mais adequado, o que demonstra um certo nível de entendimento sobre a amplitude que a temática do desenvolvimento abrange. Entretanto, foi elevado o percentual (21%) de sujeitos que considera desenvolvimento como desenvolvimento econômico, de acordo com a visão tradicional. Desenvolvimento regional foi outra opção lembrada (13%), provavelmente devido aos debates ocorridos dentro da instituição, em especial no período de elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Outra forma de apresentar os dados dos questionários consiste na utilização de tabelas, como a do exemplo abaixo, referente a uma pesquisa realizada entre os associados de determinada empresa quanto à sua possibilidade de participação na tomada de decisões.

Tabela 1
Oportunidades para sugestões

Níveis	Absoluto	Percentual
1	2	4
2	8	16
3	18	35
4	22	43
5	1	2
TOTAL	51	100%

Elaborado por Simone Bochi Dorneles, 2002.

Neste exemplo, a maioria dos associados da empresa concordou que existem oportunidades para a apresentação de propostas e sugestões no ambiente de trabalho: 43% dos entrevistados optaram pelo nível 4; e 35%, pelo nível 3.

3.5.2 Análise de conteúdo e documental

Lüdke e André (1986) afirmam que a análise de dados qualitativos requer um trabalho exaustivo durante todo o processo de coleta de dados. Os relatos da observação, as transcrições das entrevistas e as análises dos documentos, assim como das demais informações disponíveis, precisam ocorrer quase simultaneamente com o período da coleta das informações.

A análise de conteúdo, segundo Berelson (1952, p. 14-15), é “uma técnica de investigação que se dedica à descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”¹⁷. Richardson et al. (1999) sugerem as seguintes etapas no processo de análise de conteúdo: pré-análise do material, análise e tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados.

É importante manter em sigilo a identidade dos entrevistados, podendo-se, para tanto, referir o cargo do entrevistado para identificá-lo ou criar um código para cada entrevistado. Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, um exemplo retirado de estudo desenvolvido por Simone Bochi Dorneles (2003, p. 72) na empresa Bruscor – Indústria e Comércio de Cordas e Cadarços Ltda., situada em Brusque/SC.

O tema da obediência ao consenso da coletividade aparece em muitos dos relatos dos associados, nos quais alguns asseveram que “tudo é discutido”, “todos podem opinar”, “as decisões são tomadas em conjunto”; os temas são discutidos e depois votados, com a participação dos associados. O pensamento de um dos associados, identificado como A04, explicita o processo decisório na empresa Bruscor:

Decisões importantes sempre são passadas pela assembleia, tem o conselho consultivo que encaminha né. São três pessoas, o conselho existe desde 96. Mas ele não decide, a assembleia é majoritária e soberana, qualquer investimento passa pela assembleia. Não assim, de comprar uma tesoura né, isso é coisa do dia a dia, mas coisa alta, investimento em um maquinário novo, a contratação de um associado novo sempre passa pela assembleia. Se surge alguma coisa que uma pessoa decide fora da assembleia é cobrado.

17 Definição traduzida por FRÖHLICH, em sua dissertação de mestrado (1970, f. 8).

3.6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A conclusão constitui o fecho do trabalho efetuado com esforço, persistência, dedicação e determinação. É o capítulo a ser redigido com paixão e vibração. Nele, apresentam-se os resultados e as conclusões mais relevantes obtidos através da pesquisa. É interessante, por exemplo, iniciar o texto afirmando: “O objetivo geral ou principal deste trabalho ou monografia foi [...]”. A seguir, sugere-se retomar o texto com os objetivos específicos, assinalando os resultados mais significativos que foram obtidos através da coleta de dados, em sua estruturação e organização posterior.

Ao relatar os dados que foram coletados, é fundamental relacioná-los com a teoria proposta no projeto. Mesmo que uma hipótese não se tenha confirmado ou um objetivo não tenha sido alcançado, cumpre oferecer explicações para resultados não esperados.

Dependendo do tipo de estudo, também são discutidas as implicações teóricas e/ou práticas do estudo realizado, e é aconselhável sugerir temas e tópicos de pesquisa que possam ser úteis para outros pesquisadores ou estudantes universitários.

Por fim, explicitam-se igualmente os problemas encontrados no estudo e as questões que não puderam ser respondidas com as informações e os dados obtidos.

3.7 APRESENTAÇÃO ORAL DA MONOGRAFIA

3.7.1 Organização e apresentação dos *slides*

Chegada a etapa conclusiva de seu curso a distância, está de parabéns o estudante por ter persistido e se esforçado para encerrar com sucesso as disciplinas do PLAGEDER. Nesta etapa final, vale a pena empenhar-se com cuidado redobrado, pois o aluno irá expor em público o resultado do esforço despendido nos últimos três anos. Para lograr êxito, será útil conferir as sugestões que seguem.

Com relação à apresentação oral dos *slides*, primeiramente é necessário lembrar qual é o objetivo dessa atividade para a banca de avaliação. Nela, priorizam-se os elementos mais importantes. Assim, convém sintetizar as informações e os dados relevantes da pesquisa. Os professores que compõem a banca de avaliação tiveram acesso ao trabalho completo; conseqüentemente, na apresentação final, não é pertinente fazer a leitura do trabalho inteiro.

Na preparação dos *slides*, evite-se o excesso de informações nas lâminas. No primeiro *slide*, há de constar o nome da instituição, o título do trabalho, a identificação do autor e do orientador. No *slide* seguinte, aparece o Sumário do trabalho, para que os presentes possam ter uma visão de conjunto do que será exposto.

Uma dúvida que surge com frequência na organização dos *slides* refere-se à quantidade de textos a ser incluída em cada um deles. A orientação, nesse sentido, é manter o justo equilíbrio, não sendo profuso nem parcimonioso demais. No tocante

ao texto em si, as referências devem ser devidamente destacadas, para que o ouvinte/leitor seja informado sobre a origem dos textos utilizados no trabalho.

É importante valorizar o aspecto visual, não descuidando a diagramação do trabalho, atentando para as margens, para o espaço de entrelinhas e para o tamanho da fonte. Os *slides* devem ser de fácil visualização. Assim, fontes menores do que 25 não são recomendadas, por serem dificilmente legíveis em um ambiente espaçoso. Além disso, convém priorizar o uso de fontes que permitam clareza, evitando o uso exclusivo de Times New Roman. Existem várias fontes que podem contribuir para a boa qualidade da apresentação. Quanto à letra de caixa-alta, aconselha-se utilizá-la somente em títulos e em casos especiais, como é o da citação de autores entre parênteses no texto.

Convém recorrer sobriamente a figuras de fundo; uma sugestão interessante é usar a figura como marca d'água, evitando lançar mão de *clip art*. O uso de fotografias e imagens é vantajoso na apresentação de grupos, de reuniões e de paisagens que ilustram fatos relatados, pois refletem mais fielmente a realidade pesquisada.

É preciso ter discrição no uso de cores, descartando fundos escuros, principalmente se a apresentação for realizada durante o dia, pois a visualização pode ficar seriamente comprometida. Aconselha-se ponderação no uso das cores das letras e do fundo, evitando o acúmulo de cores, ou a justaposição de duas cores fortes ou de duas cores fracas em contraste, pois isso obstaculiza a leitura e a visualização.

3.7.2 A técnica da apresentação oral da monografia

Distribua as partes de sua apresentação no tempo disponível, que é, via de regra, de aproximadamente 20 minutos. Você pode ensaiar em casa e solicitar a alguém que assista à sua apresentação; isso auxilia a cronometrar o tempo e a verificar se a apresentação está adequada ou não. O uso de fichas de apoio facilita o registro de lembretes sobre aspectos que não constam dos *slides*, mas não podem ser esquecidos durante a apresentação. Desprenda-se o máximo possível do que neles está escrito. Não se atenha estritamente ao que está registrado na lâmina, mas explique, esclareça, comente. Inclua nos *slides* apenas os elementos mais importantes a serem apresentados.

3.8 ATIVIDADE PRÁTICA

Nesta Unidade, será construída sua proposta de monografia. Para tanto, você retomará as etapas do trabalho monográfico e, a partir destas, definirá seu problema de pesquisa, a justificativa de seu trabalho e os objetivos gerais e específicos de sua monografia.

Como material de apoio, estão disponíveis os textos didáticos propostos na disciplina e nas leituras complementares, bem como em disciplinas anteriormente oferecidas pelo PLAGEDER, além do fórum destinado a resolver dúvidas e a fomentar debates sobre os temas em questão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Sabrina. *Elaboração de resumos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. (Iniciação Científica, 2).
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1980.
- BEAUD, Michael. *A arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- BERELSON, Bernard. *Content analysis in communication research*. Glencoe, Illinois: Free Press, 1952.
- BRUMER, Anita; ROSENFELD, Cínara Lerrer; HOLZMANN, Lorena; SANTOS, Tânia Steren dos. A elaboração do projeto em Ciências Sociais. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. p. 125-146.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Metodologia do trabalho intelectual*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- DORNELES, Simone Bochi. *Estudo de caso sobre uma organização autogestionária: como ocorre a adaptação da COOMEC em uma sociedade capitalista*. 2002. Dissertação (Mestrado em Direção de Organizações). Universidad Del Museo Social Argentino, Buenos Aires, Argentina, 2002.
- _____. *Autogestão e racionalidade substantiva*. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- _____. *Representações sociais sobre desenvolvimento: a percepção dos alunos/as e educadores do IF Farroupilha Campus de São Vicente do Sul*. São Vicente do Sul: Instituto Federal Farroupilha, Campus de São Vicente do Sul/RS, 2009. Trabalho não publicado.
- FRÖHLICH, Egon Roque. *Análise de conteúdo dos assuntos agrícolas e sua relevância situacional nos jornais do estado do Rio Grande do Sul*. 1970. Dissertação (Mestrado em Economia Rural e Sociologia Rural). Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1970.

FURASTÊ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação com explicitação das normas da ABNT*. Porto Alegre: Dactilo, 2010.

GEHLEN,IVALDO. Elaboração de relatórios e informes. In: BRACAGIOLI NETO, Alberto; GEHLEN,IVALDO; OLIVEIRA, Valter Lúcio de. *Planejamento e gestão de projetos para o desenvolvimento rural*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. p. 53-59. (Educação a Distância, 13).

GERHARDT, Tatiana Engel. A construção da pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 43-64. (Educação a Distância, 5).

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. (Educação a Distância, 5).

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. _____ . *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____ ; _____. Monografia. In: _____ ; _____. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997. p. 235-238.

_____ ; _____. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. *Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, Abrasco, 1994.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia de pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas: Papirus, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria de Holanda de Melo; WANDERLEY, José Carlos Vieira. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico*. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1974.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos*. 6. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 1977.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1976.

VIEGAS, Waldyr. *Fundamentos lógicos da metodologia científica*. 3. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2007.

ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS BRASILEIROS

Ministério da Fazenda: www.fazenda.gov.br
Ministério do Trabalho e do Emprego: www.mtb.gov.br
Ministério do Desenvolvimento Agrário: www.mda.gov.br
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento: www.agricultura.gov.br
Ministério do Desenvolvimento Social: www.mds.gov.br
Ministério do Turismo: www.turismo.gov.br
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação: www.mct.gov.br

INSTITUIÇÕES E INSTITUTOS DE PESQUISA

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): www.ibge.gov.br
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): www.ipea.gov.br
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES): www.bndes.gov.br
Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE): www.dieese.gov.br
Fundação Instituto de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA): www.embrapa.gov.br
Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER): www.sober.org.br

INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS

Organização das Nações Unidas (ONU): www.un.org
Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL): www.eclac.cl
Banco Mundial: www.worldbank.org
Fundo Monetário Internacional (FMI): www.imf.org
Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID): www.iadb.org

ASPECTOS PRÁTICOS DE REVISÃO TEXTUAL

Ignacio Antonio Neis e Sabrina Abreu

O ato de revisar um texto acadêmico é bem mais complexo do que se costuma reconhecer, pois não implica apenas a verificação do uso adequado das convenções ortográficas vigentes ou a mera revisão gramatical. Muito pelo contrário, o revisor de um texto acadêmico executa uma tarefa que exige uma habilidade especial: a de antever as interpretações que os leitores potenciais poderão atribuir ao texto. Dessa forma, o revisor trabalha no entremeio de uma futura interlocução, ou seja, no ato de comunicação que será estabelecido entre o autor e aquele a quem o texto se destina. É exatamente esta a função de um revisor: contribuir para que o processo de interlocução possa acontecer sem truncamentos, sem equívocos, sem ruídos. Não raro, no exercício de sua atividade, o revisor precisa modificar o texto, lapidá-lo, torná-lo claro, para que não restem interpretações dúbias ao leitor.

As reflexões aqui apresentadas fazem parte de um projeto mais amplo que estamos desenvolvendo acerca de variados aspectos práticos de revisão textual. O objetivo do projeto é, em um futuro próximo, publicar o presente texto acrescido de outros exemplos ilustrativos do ofício de revisor.

Tendo como lastro nossa prática de revisão de textos, pretendemos compartilhar com você, caro leitor, alguns dos problemas comumente encontrados em textos acadêmicos e que, sem dúvida, obstaculizam a compreensão das informações e dos argumentos aludidos nos textos por seus autores. Esses problemas dizem respeito tanto a lapsos decorrentes da falta de atenção do autor na hierarquização das ideias quanto ao desconhecimento das normas gramaticais que regem o registro formal escrito da língua portuguesa. Contudo, nesta exposição, não nos limitaremos apenas a enumerar esses problemas, pois esse seria um exercício inócua do ponto de vista de quem deseja escrever um texto coeso e coerente. Antes, nossa intenção é convidá-lo a exercer por um breve período de tempo o ofício de revisor. Para tanto, selecionamos um conjunto de segmentos textuais, colhidos em versões originais de trabalhos científico-acadêmicos, nos quais se observam problemas de não-obediência à norma culta ou de falta de clareza devido a construções que contrariam as normas gramaticais vigentes, razão pela qual são omitidos os títulos dos trabalhos de onde foram extraídos os exemplos, bem como os nomes dos respectivos autores.

A dinâmica que será adotada na presente exposição, para cada exemplo, é a seguinte: em primeiro lugar, será apresentado o segmento original selecionado (**O**); a seguir, será feito um breve comentário acerca do problema ou dos problemas identificados, sejam eles de correção propriamente dita da linguagem, de adequação, de clareza, de fluência, de elegância, ou outros (**C**); e, por fim, será proposta uma versão revisada ou reformulada do segmento (**R**).

1. -----

(**O**) A lei *menciona* que “o local do estágio pode ser selecionado a partir do cadastro de partes cedentes [...]”.

(**C**) Trata-se aqui de *inadequação vocabular*, problema ocasionado porque o autor do texto não compreende o significado de uma palavra ou não conhece seus empregos usuais. No caso em análise, por se tratar de lei, em um discurso jurídico, o verbo pertinente não é *mencionar*, mas *estabelecer* ou *determinar*.

(**R**) A lei estabelece (determina) que “o local do estágio pode ser selecionado a partir do cadastro de partes cedentes [...]”.

2. -----

(**O**) Houve a necessidade *dos documentos serem* digitalizados e postados na plataforma Moodle para *complementação* das assinaturas.

(**C**) Temos nesse período dois problemas: *construção sintática ambígua* e *inadequação vocabular*.

1º) Deve-se desfazer a ambiguidade gerada pelo sintagma preposicionado *dos documentos*, uma vez que esse sintagma não exerce a função sintática de complemento nominal de *necessidade*. O complemento nominal de *necessidade* é constituído oracionalmente, isto é, o sintagma nominal *os documentos* exerce função de sujeito da oração *os documentos serem digitalizados*. Assim, estamos diante de um período composto por subordinação, no qual a oração principal *Houve a necessidade de* exige complemento oracional (*Houve a necessidade de os documentos serem digitalizados...*). Outra alternativa, para assegurar a interpretação correta do período, seria deslocar o sujeito *os documentos para* imediatamente depois do predicado *serem digitalizados*. Uma terceira reformulação pode ser construída a partir da expressão *ser necessário*.

2º) É inadequado o uso do substantivo *complementação*, por se tratar da assinatura de documentos.

(**R1**) Houve a necessidade de os documentos serem digitalizados e postados na plataforma Moodle para a coleta das assinaturas.

(**R2**) Houve a necessidade de serem digitalizados e postados na plataforma Moodle os documentos para a coleta das assinaturas.

(**R3**) Foi necessário digitalizar os documentos e postá-los na plataforma Moodle para a coleta das assinaturas.

3. -----

(**O**) Outra dificuldade *apresentada foi com relação à* participação de [...].

(**C**)

1º) O uso da forma participial *apresentada* pode ter interpretação ambígua: trata-se de uma dificuldade que se apresentou, que surgiu, que foi constatada?

2º) Por outro lado, a expressão *ser com relação a* é inadequada, por ser obscuro seu sentido, o que pode ser resolvido com a expressão *estar relacionado com* ou *a*.

(R) Outra dificuldade constatada estava relacionada à participação de / com a participação de [...].

4. -----

(O) As mudanças no meio rural, observadas e abordadas nos debates [...], *são a respeito da juventude e velhice*.

(C) A expressão *ser a respeito de* constitui problema semelhante ao do exemplo 3, acima, facilmente contornado mediante a expressão *dizer respeito a* ou *concernir a*.

(R) As mudanças no meio rural, observadas e abordadas nos debates [...], dizem respeito à juventude e à velhice / concernem à juventude e à velhice.

5. -----

(O) *Como* uma disciplina *experimentada* pela primeira vez, *a intensidade das dificuldades* enfrentadas com a turma A foram maiores do que as enfrentadas com a turma B.

(C) Neste período, há dois problemas de inadequação vocabular, um problema de uso inadequado de nexos e um problema relativo a equívoco de concordância entre sujeito e predicado, os quais precisam ser sanados para que se possa assegurar para o leitor a correta interpretação do que o autor pretendeu informar.

1º) Verifica-se o uso inadequado da palavra *Como*, o que resulta em inconsistência sintática entre o adjunto adverbial delimitado pela vírgula e a oração que lhe segue.

2º) Verifica-se um uso inadequado do verbo *experimentar*, sob a forma do particípio *experimentado*. Certamente, o que se quer dizer é que a disciplina foi oferecida ou ministrada pela primeira vez.

3º) O principal problema reside aqui na falta de concordância do predicado (*foram maiores*) com o sujeito (*a intensidade*). A confusão do autor foi provocada provavelmente pela intercalação da expressão plural *dificuldades enfrentadas* entre o núcleo do sujeito (*a intensidade*) e o verbo.

4º) Aliás, o uso da palavra *intensidade* não parece pertinente nem necessário aqui, pois o foco da afirmação são as dificuldades, e não sua intensidade.

(R) Tratando-se de uma disciplina oferecida (ministrada) pela primeira vez, as dificuldades enfrentadas com a turma A foram maiores do que as enfrentadas com a turma B.

6. -----

(O) Por se tratar de um curso a distância, os *acadêmicos* têm uma maior liberdade e independência e *os mesmos possuem* um orientador.

(C) Observam-se neste trecho quatro problemas de diferentes tipos:

1º) Embora correto, e eventualmente empregado principalmente em expressões como “acadêmico de direito”, está caindo em desuso o substantivo *acadêmico* para designar um estudante universitário. O uso desse termo confere ao discurso uma conotação arcaica, e talvez até pernóstica.

2º) Antes dos adjetivos comparativos *maior* e *menor*, quando precedem o substantivo, é preferível omitir o artigo indefinido.

3º) A gramática da língua portuguesa não prevê o uso dos pronomes *o mesmo*, *os mesmos*, *a mesma*, *as mesmas* como possíveis anafóricos de substantivos anteriormente citados para substituir *ele*, *elas*, *ela*, *elas*.

4º) O verbo *possuir*, aqui, não pode substituir o verbo *ter*, como ocorre em outros contextos. Os sentidos correntes desse verbo são: ‘ter a posse de’; ‘ter como propriedade’ (bens, casa, terras, etc.); ‘ter em seu poder’ (documentos, provas, etc.); ‘ter em si, conter’ (vitaminas); ‘desfrutar’ (saúde, prestígio, etc.); ‘exercer’ (cargo, função); ‘ser naturalmente dotado de’ (talento, habilidades, etc.); ‘ter relação sexual com’.

(R) Por se tratar de um curso a distância, os alunos (ou estudantes) desfrutam de maior liberdade e independência e têm um orientador.

7. -----

(O) O setor de silvicultura *teve* grandes impactos com a crise mundial.

(C) O emprego de *teve* pode confundir o leitor, levando-o a entender que o setor produziu impactos, o que, aliás, é inviabilizado pelo complemento *com a crise mundial*.

(R) O setor de silvicultura sofreu grandes impactos com a crise mundial.

8. -----

(O) Esse crescimento *aconteceu com* a melhoria dos canais de comercialização.

(C) Este é um típico caso em que o segmento pode ser lapidado, a fim de se tornar mais elegante.

1º) Não se encontra, a rigor, erro na forma original desta frase; mas *ocorreu* parece mais adequado do que *aconteceu*.

2º) O uso da preposição *com* pode dar a entender que se trata de simultaneidade, e não de causa, como é a intenção do autor; por isso, seria preferível substituir *com* por *graças a*.

(R) Esse crescimento ocorreu graças à melhoria dos canais de comercialização.

9. -----

(O) Essa mudança radical foi praticada sem a *observação* da legislação ambiental vigente.

(C) A *observação* é o ato ou efeito de observar, no sentido de ‘considerar com atenção algo’, ‘examinar atentamente fatos ou processos’, ao passo que a *observância* é o ato ou efeito de observar, no sentido de ‘cumprir uma regra’, ‘submeter-se a uma lei’.

(R) Essa mudança radical foi praticada sem a observância da legislação ambiental vigente.

10. -----

(O) *Isto* permitiu que o tutor, *na medida em que* ia lendo os registros, sugerisse alterações.

(C) Dois ajustes são necessários no segmento em questão.

1º) O pronome demonstrativo refere-se, neste contexto, a algo mencionado imediatamente antes, o que determina o uso da forma *Isso*, e não *Isto*.

2º) Não é adequado, aqui, o emprego da expressão *na medida em que*, que significa ‘na razão proporcional em que’, ‘porque’, ‘desde que’ (“Ele merece este cargo, na medida em que se tem revelado o trabalhador mais competente”). A expressão pertinente é *à medida que*, cujo sentido é ‘à proporção que’ (“Estas páginas foram escritas à medida que se desenrolavam os acontecimentos”).

(R) Isso permitiu que o tutor, à medida que ia lendo os registros, sugerisse alterações.

11. -----

(O) Na comunidade, é *conceitual* que a profissão de pescador *seja* uma atividade inferior [...]

(C) Ocorrem, neste segmento, uso impróprio de vocábulo e equívoco no emprego da correta correlação entre modos verbais.

1º) O autor quis, sem dúvida, referir-se ao fato de que, na comunidade, se aceita consensualmente determinada ideia sobre a profissão de pescador. Embora se trate, então, de um conceito sobre essa profissão, ocorreu na mente do autor uma confusão entre *conceitual* e *consensual*, certamente devido à semelhança fonética entre as duas palavras, aliada à própria falta de clareza conceitual.

2º) Afirmar que algo é consensual, isto é, aceito como fato, impede o uso do subjuntivo e requer o uso do indicativo do verbo *ser*.

(R) Na comunidade, é consensual que a profissão de pescador é uma atividade inferior [...]

12. -----

(O) Os alunos comprovaram ter assimilado os conteúdos, *apresentando-se maduros*.

(C) Ao leitor que manifestar estranhamento diante da expressão *apresentar-se maduro(s)*, sem dúvida parecerá clara e sem ambiguidade a expressão *demonstrar maturidade*.

(R) Os alunos comprovaram ter assimilado os conteúdos, demonstrando maturidade.

13. -----

(O) O termo agronegócio foi proposto por Davis e Goldberg [...]

(C) Registram-se, destacando-as com aspas ou com itálico, palavras que se desejam definir ou conceituar. Frequentemente, fala-se, nesse caso, de palavras que constituem língua objeto.

(R) O termo *agronegócio* foi proposto por Davis e Goldberg [...]

14. -----

(O) [...] a atividade especulativa determinou os preços das commodities agrícolas e não o contrário.

(C) O segmento apresenta desvios em relação ao uso de convenção ortográfica vigente e também de pontuação.

1º) À semelhança do que ocorre com o exemplo anterior, registram-se palavras estrangeiras destacando-as com aspas ou com itálico. É o caso de *commodities*.

2º) O segmento “e não o contrário” constitui uma oração elíptica que deve ser separada da oração anterior por vírgula, uma vez que a expressão *e não* equivale a um nexos adversativo, equivalente a *mas não*.

(R) [...] a atividade especulativa determinou os preços das *commodities* agrícolas, e não o contrário.

15. -----

(O) [...] os insumos (ração, medicamentos, defensivos, fertilizantes, genética, sementes etc.) são propriedade da agroindústria [...]

(C) *Etc.* é abreviatura da expressão latina *et cetera*, que significa ‘e outras coisas’, ‘e outros’, ‘e o mais’, ‘e assim por diante’. Embora a expressão inclua inicialmente a conjunção *e*, segundo se induz da prática do texto do novo *Acordo Ortográfico*, antes de *etc.* usa-se pontuação, que deve ser a mesma que separa os diversos elementos da enumeração: vírgula, ponto e vírgula e mesmo ponto final. Aqui, trata-se de uma enumeração em que os elementos são separados por vírgula; por isso, também a abreviatura *etc.* que encerra a enumeração deve ser precedida de vírgula.

(R) [...] os insumos (ração, medicamentos, defensivos, fertilizantes, genética, sementes, etc.) são propriedade da agroindústria [...]

16. -----

(O) Deve ser um trabalho de síntese e não de *copiar/colar*.

(C) Este trecho apresenta equívocos em relação à pontuação e à hierarquia que deve ser estabelecida entre segmentos sintáticos paralelos.

1º) Quanto à obrigatoriedade do uso de vírgula antes de *e não*, ver, acima, o exemplo 14.

2º) Por uma questão de paralelismo sintático com “um trabalho de síntese”, convém usar, depois de *e não*, outra expressão substantiva introduzida por artigo indefinido.

(R) Deve ser um trabalho de síntese, e não uma cópia/cola.

17. -----

(O) Algumas indústrias podem estar operando com margens de lucro e mesmo assim *passarem* por dificuldades financeiras [...]

(C) Este trecho também apresenta equívocos em relação à pontuação e à hierarquia que deve ser estabelecida entre segmentos sintáticos paralelos.

1º) A expressão *mesmo assim*, que tem sentido equivalente a ‘apesar disso’, deve ser colocada entre vírgulas, por sua função de adjunto adverbial que precede o verbo (Bechara, 610).

2º) Por uma questão de paralelismo sintático, o infinitivo flexionado *passarem* não é admissível aqui, como não é nem poderia ser flexionado o infinitivo precedente *estar operando*. Não se verifica, neste contexto, nenhuma das situações que levam a flexionar a forma do infinitivo.

(R) Algumas indústrias podem estar operando com margens de lucro e, mesmo assim, passar por dificuldades financeiras [...]

18. -----

(O) Além dessas duas escolas pode-se citar também a literatura sobre Gestão de Cadeias de Suprimento que tem um foco mais gerencial.

(C) Este período apresenta dois problemas de pontuação.

1º) O segmento “Além dessas duas escolas”, por constituir um adjunto adverbial antecipado, deve ser isolado por vírgula.

2º) O segmento “que tem um foco mais gerencial” constitui uma oração relativa explicativa, e, por isso, deve ser separada por vírgula da oração principal.

(R) Além dessas duas escolas, pode-se citar também a literatura sobre Gestão de Cadeias de Suprimento, que tem um foco mais gerencial.

19. -----

(O) [...] a agroindústria fornece insumos, logística e assistência técnica, *enquanto que* o produtor provê terra, instalações, equipamentos, *mão-de-obra*, energia e manejo ambiental.

(C) Trata-se, aqui, de emprego de locução inexistente na língua portuguesa e de uso inadequado de hífen.

1º) A locução *enquanto que*, empregada em lugar de *enquanto*, não está lexicalizada em português; ela terá sido usada provavelmente por influência da locução sinônima *ao passo que*.

2º) O novo Acordo Ortográfico suprimiu os hífens de palavras como *mão de obra*, conforme se lê na Base XV, 6º: “Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen [...]”.

(R) [...] a agroindústria fornece insumos, logística e assistência técnica, enquanto o produtor provê terra, instalações, equipamentos, mão de obra, energia e manejo ambiental.

20. -----

(O) Nas projeções específicas para nove cultivos agrícolas somente a *cana de açúcar* terá aumento das áreas de baixo risco para cultivo [...]

(C) Este segmento apresenta problemas relacionados com o uso de sinal de pontuação e com o emprego do hífen.

1º) O segmento que termina com a palavra “agrícolas”, por constituir um adjunto adverbial antecipado, deve ser isolado por vírgula.

2º) O uso de hífen no termo *cana-de-açúcar* é prescrito pelo Acordo Ortográfico, conforme se lê na Base XV, 3º: “Emprega-se hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento [...]”.

(R) Nas projeções específicas para nove cultivos agrícolas, somente a *cana-de-açúcar* terá aumento das áreas de baixo risco para cultivo [...]

21. -----

(O) [...] a competição *intra-setorial* [...]

(C) Até recentemente, era correta a grafia *intra-setorial*. Mas este hífen foi suprimido, conforme se lê no novo Acordo Ortográfico, Base XVI, 2º: “Não se emprega [...] o hífen: a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se [...]. Assim: [...] *antirreligioso, infrassom* [...]”.

(R) [...] a competição intrasetorial [...]

22. -----

(O) A equipe chegou *a* conclusão de que [...]

(C) Muitos problemas referentes ao emprego do acento indicativo de crase decorrem do desconhecimento de que a crase representa a contração da preposição *a* com o artigo feminino *a* ou *as*. No presente exemplo, impõe-se o uso da crase antes do substantivo *conclusão*. Com efeito, *chegar* é, aqui, verbo transitivo indireto, uma vez que a construção normal é *chegar a*; por sua vez, o substantivo *conclusão* tem emprego definido, isto é, não se trata de uma conclusão vaga ou indeterminada, mas da conclusão que é referida a seguir nesta própria frase. Por isso, a palavra *conclusão* é precedida do artigo definido feminino singular *a*.

(R) A equipe chegou à conclusão de que [...]

23. -----

(O) [...] cabe ao produtor adquirir à vista ou à prazo os produtos [...]

(C) Considerando-se a explicação apresentada acima, para o exemplo 22, compreende-se facilmente por que se usa a crase na expressão *à vista*. Outros exemplos: colher frutas *à mão*, passar *à espada*. Por outro lado, compreende-se por que é impossível o uso da crase numa expressão como *a prazo*, formada por um substantivo masculino singular precedido unicamente pela preposição *a*. Outros exemplos: cortou o galho *a machado*, e não *a facção*.

(R) [...] cabe ao produtor adquirir à vista ou a prazo os produtos [...]

24. -----

(O) Muitas empresas estão terceirizando completamente *a* sua função produção, *com as agroindústrias não é diferente*.

(C) Os problemas identificados no período acima são de três tipos: redundância no uso do artigo definido, vinculação sintática de orações semântica e sintaticamente independentes e nível de formalidade no discurso.

1º) No Brasil, ao contrário do que se verifica em Portugal, há uma tendência de se omitir o artigo definido antes de pronomes adjetivos possessivos, porque, devido ao valor atualizador do artigo definido, este é dispensado quando tal valor já vem expresso por outro elemento de valor adnominal, como é o possessivo; e o uso do artigo em “*a sua função*”, a rigor, é redundante.

2º) O período acima é composto de duas orações semanticamente independentes, que correspondem a duas afirmações. Para separá-las, não basta a vírgula; esta pode ser substituída por ponto e vírgula ou até por ponto. No entanto, se for

usado um pronome relativo para ligar a segunda oração à primeira, as duas serão separadas por vírgula.

3º) A oração *com as agroindústrias não é diferente* tem um caráter mais coloquial e menos formal do que o discurso em que está inserida; até o sujeito é vago e impreciso. Neste caso, seria aconselhável usar expressões como: *dar-se* ou *ocorrer* e o sujeito *isso* ou *o mesmo*.

(R1) Muitas empresas estão terceirizando completamente sua função produção; e o mesmo se dá (ocorre) com as agroindústrias.

(R2) Muitas empresas estão terceirizando completamente sua função produção, o que também se dá (ocorre) com as agroindústrias.

25. -----

(O) O crescente grau de concentração do segmento de distribuição (principalmente das grandes redes de hipermercados) tem permitido a consolidação de estratégias que incrementam *seu* poder de barganha [...]

(C) Verificam-se neste trecho dois problemas: um de sinalização de informação secundária em relação à progressão temática que se estabelece entre as orações e outro de uso de pronome que estabelece relação referencial ambígua.

1º) Embora o uso de parênteses para delimitar um segmento do texto não constitua erro, seu uso no presente exemplo não se justifica, pois prejudica o fluxo do raciocínio e a fluência do discurso, inconveniente facilmente contornado mediante a substituição dos parênteses por vírgulas.

2º) Quando o leitor chega à expressão “*seu* poder de barganha”, pode ficar perplexo e perguntar-se qual é o referente do pronome *seu*: o poder de barganha de quem? de quê? Pois, neste segmento, vários substantivos precedem a expressão em questão. É necessário um esforço e uma análise do contexto para se entender o que o autor quer dizer.

(R) O crescente grau de concentração do segmento de distribuição, principalmente das grandes redes de hipermercados, tem permitido a consolidação de estratégias que incrementam o poder de barganha desse segmento [...]

26. -----

(O) A projeção do IBGE [...] é o Brasil atingir 216,4 milhões de pessoas em 2030 [...]

(C) Este segmento apresenta um problema de ordem sintática e outro de emprego de palavra de sentido excessivamente amplo.

1º) O segmento *o Brasil atingir* é uma oração completiva nominal de *projeção*, cujo complemento deve ser introduzido pela preposição *de* (*projeção de*).

2º) O uso do termo genérico *pessoas* contraria a norma de que, em um texto científico, ao se abordarem estatísticas populacionais, o termo apropriado a utilizar é *habitantes*.

(R) A projeção do IBGE [...] é de que o Brasil atinja 216,4 milhões de habitantes em 2030 [...]

27. -----

(O) Em uma situação extrema, decorrente de um contexto de crescente apropriação de informações processuais [...] relacionadas à agroindústria *pelo varejo*, é possível ocorrer a integração vertical [...]

(C) Este trecho apresenta problemas relativos ao ordenamento sintático de termos da oração e ao reconhecimento da correta estruturação de oração subordinada substantiva subjetiva.

1º) Quando chegar à expressão *pelo varejo*, o leitor provavelmente ficará perplexo, perguntando-se o que o autor quer dizer com esse longo adjunto adverbial antecipado, que vai de “decorrente” até “pelo varejo”, e a que se relaciona essa última expressão.

2º) Certamente é mais fluente, neste contexto, a expressão *é possível que ocorra* [...] do que a expressão *é possível ocorrer*. Vale aqui novamente a observação feita no exemplo 25, de que é preciso um esforço e uma interpretação do contexto para se entender o que o autor quer dizer.

(R) Em uma situação extrema, decorrente de um contexto de crescente apropriação, pelo varejo, de informações processuais [...] relacionadas à agroindústria, é possível que ocorra a integração vertical [...]

28. -----

(O) [...] o tipo e o tamanho das embalagens, para 15% dos produtos [...] pesquisados, *foi o atributo mais valorizado*.

(C) Os dois problemas identificados neste trecho dizem respeito à inobservância de regras de concordância verbal.

1º) O problema essencial, neste exemplo, está na inobservância da regra de concordância verbal, pois temos um sujeito composto, a saber, *o tipo e o tamanho* das embalagens, que exige a concordância do verbo na forma de plural.

2º) Por consequência, também *o atributo*, que constitui o predicativo, deve ir para o plural, uma vez que se trata de dois atributos dos produtos: *o tipo e o tamanho*.

(R) [...] o tipo e o tamanho das embalagens, para 15% dos produtos [...] pesquisados, foram os atributos mais valorizados.

29. -----

(O) Isso é particularmente importante quando *observa-se* algumas tendências econômicas [...]

(C) Este trecho apresenta problemas sintáticos de dois tipos: reconhecimento da função sintática que exerce o pronome *se* no contexto em que ocorre e equívoco em relação à colocação de pronome oblíquo átono.

1º) Na oração *observa-se algumas tendências econômicas*, o pronome *se* tem a função de índice de indeterminação do sujeito; assim sendo, a oração tem sentido equivalente a: “algumas tendências econômicas são observadas”. A língua escrita padrão e a genuína linguagem literária requerem o verbo no plural: “observam-se algumas tendências econômicas”.

2º) Quanto à posição do pronome oblíquo átono *se*, a gramática preceitua o uso da próclise, entre outras circunstâncias, em orações subordinadas desenvolvidas, como é o caso aqui, onde a oração subordinada é introduzida pela conjunção *quando*.

(R) Isso é particularmente importante quando se observam algumas tendências econômicas [...]

30. -----

(O) [...] identificação das empresas e indivíduos que *compõe* a cadeia produtiva [...]

(C) O pronome relativo *que*, sujeito do verbo *compor*, refere-se, não a “identificação” [...], mas a “as empresas e indivíduos”, tendo, portanto, valor plural e exigindo que o verbo esteja igualmente no plural.

(R) [...] identificação das empresas e indivíduos que *compõem* a cadeia produtiva [...]

31. -----

(O) A tomada de decisão estratégica sobre as questões de suprimentos *só poderão ser efetivas* se houver compartilhamento das responsabilidades [...]

(C) Trata-se aqui de um duplo problema de concordância: concordância verbal (do verbo *poder*) e concordância nominal (do adjetivo *efetivo*) com o sujeito, que é “a tomada de decisão”. A existência da expressão plural “questões de suprimentos” e sua proximidade com o predicado certamente terão induzido o autor ao uso das formas plurais “poderão” e “efetivas”.

(R) A tomada de decisão estratégica sobre as questões de suprimentos *só poderá ser efetiva* se houver o compartilhamento das responsabilidades [...]

32. -----

(O) Em sua definição *de burguesia e proletariado*, John Maynard Keynes *disse* que a burguesia é aquela parcela da população que [...]

(C) Os problemas identificados no período acima estão relacionados à ausência de paralelismo sintático entre segmentos do trecho e ao uso de tempo verbal em citação de conceitos em textos acadêmicos.

1º) Trata-se, neste segmento, da definição de dois conceitos por Keynes: o de *burguesia* e o de *proletariado*; por isso, a redação correta requer a repetição da preposição “de” antes de “proletariado”.

2º) Embora Keynes tenha lançado há muitas décadas a obra em que se encontram as definições em questão, ao se citarem, direta ou indiretamente, os conceitos por ele formulados, a praxe é não se usar no pretérito (“disse”), mas no presente (“diz”) o verbo *dicendi*. Essa é uma regra a ser observada pelos autores de textos de caráter científico, ao citarem fontes. Encontram-se incontáveis exemplos de tal uso nas próprias Normas Técnicas da ABNT: “Oliveira e Leonardos (1943, p. 146) *dizem* que [...]”; “Barbour (1971, p. 35) *descreve*: [...]”; “*Diz* Rui Barbosa: [...]”; “Merriam e Caffarella (1991) *observam* que [...]”; etc.

(R) Em sua definição de burguesia e de proletariado, John Maynard Keynes diz que a burguesia é aquela parcela da população que [...]

33. -----

(O) [...] custos de propaganda e marketing necessários à introdução de novos produtos e consolidação da marca [...]

(C) Verificam-se aqui três tipos de desvios: o primeiro é de ordem estritamente sintática e diz respeito ao estabelecimento de paralelismo sintático entre segmentos que exercem a mesma função sintática; o segundo é típico do uso inadequado das convenções ortográficas para registro de palavra estrangeira; e o terceiro revela desconhecimento das regras de regência.

1º) Vale aqui o primeiro comentário do exemplo anterior: é necessária a repetição da preposição “de” antes de “marketing”, pois se trata de custos decorrentes de duas ações, a saber, “propaganda” e “marketing”.

2º) O comentário acima alerta sobre a necessidade de se destacarem palavras estrangeiras, como é o caso de *marketing*, por meio de itálico ou aspas, conforme foi observado no exemplo 14.

3º) Este segmento refere-se a custos necessários a dois fins: (a) a introdução de novos produtos; (b) a consolidação da marca. Como se trata de dois itens distintos, tanto o segundo quanto o primeiro devem ser precedidos da preposição *a* regida pelo adjetivo “necessários”, combinada com o respectivo artigo, que, em ambos os casos, é feminino singular.

(R) [...] custos de propaganda e de *marketing* necessários à introdução de novos produtos e à consolidação da marca [...]

34. -----

(O) Mesoeconômico é o ambiente das cadeias produtivas, não é microeconômico (das empresas) nem macroeconômico (dos Estados).

(C) Os conceitos propostos neste exemplo não aparecem claramente e poderão deixar o leitor confuso, perguntando-se o que esse período quer dizer. A leitura atenta permite compreender que se trata de caracterizar os ambientes mesoeconômico, microeconômico e macroeconômico, respectivamente.

(R) O ambiente mesoeconômico é o das cadeias produtivas; o microeconômico, o das empresas; e o macroeconômico, o dos Estados.

35. -----

(O) O aumento da produção mundial [...] terá que ser suficiente para atender não somente o crescimento e a mudança do consumo mundial por alimentos, mas também suprir a demanda de grãos destinados, tanto para a alimentação animal, quanto para a produção de biocombustíveis.

(C) Verificam-se problemas no ordenamento correto das ideias, no uso equivocado de sinal de pontuação e na escolha de preposição.

1º) O período está construído de tal maneira que a expressão “ser suficiente para” requer dois complementos traduzidos por infinitivos, precedidos, respectiva-

mente, por “não somente” e por “mas também”. No entanto, o período original diz, esquematicamente: terá que ser suficiente para atender não somente..., mas também suprir. O esquema correto é: terá que ser suficiente não somente para atender..., mas também para suprir..

2º) É incorreto o uso de vírgulas antes de “tanto” e de “quanto”, uma vez que se trata de complementos nominais do particípio “destinados”.

3º) A construção do particípio “destinado” com a preposição *a* é mais usual, fluente e elegante do que a construção desse particípio com a preposição *para*.

(R) O aumento da produção mundial [...] terá que ser suficiente não somente para atender ao crescimento e à mudança do consumo mundial de alimentos, mas também para suprir a demanda de grãos destinados tanto à alimentação animal quanto à produção de biocombustíveis.

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO E DA LEITURA

*Egon Roque Fröhlich*¹⁸

Em um curso universitário, quer presencial, quer a distância, nunca se pode deixar de enfatizar a importância do estudo e da leitura. O sucesso do estudante em sua formação acadêmica depende muito de ambos esses fatores. Espera-se, pois, que, ao longo deste curso a distância do PLAGEDER, cada estudante tenha se empenhado com dedicação no exercício diuturno da leitura e do estudo.

Vale a pena tornar a enfatizar a profunda influência que o estudo e a leitura exercem no aprendizado do estudante. João Álvaro Ruiz apresenta primoroso texto sobre esse tema em sua obra intitulada *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. Nele, o autor expõe diretrizes simples, claras e diretas para instrumentar estudantes em cursos de nível superior para tirarem proveito do tempo dedicado a aulas, a leituras, a estudos e a reuniões de grupo, bem como ao planejamento e à execução de pesquisas. A obra enfatiza como o estudante pode aproveitar o curso que vai frequentar ou está frequentando, estudando e lendo com cuidado, critério e atenção. Embora o texto não tenha sido escrito para alunos que fazem cursos a distância, suas sugestões também são aplicáveis a essa audiência.

Será proveitoso assinalar alguns pontos relevantes do texto que podem auxiliar o estudante a ser bem-sucedido em seus estudos atuais ou em sua vida futura. Em primeiro lugar, é fundamental que o aluno descubra tempo para dedicar-se a seus estudos, registrando objetivamente horários disponíveis para tanto e cumprindo-os fielmente. Além disso, é preciso aproveitar diligentemente os breves momentos livres disponíveis durante o dia, pois só trarão benefícios ao estudante que souber utilizá-los. É indispensável realizar sério esforço para revisar os conteúdos das matérias para as provas e os exames, pois essa prática auxilia na fixação dos conteúdos lidos ou estudados.

Os estudos ou reuniões de grupo constituem uma oportunidade valiosa para a aprendizagem; eles pressupõem que haja um coordenador que discipline o grupo, para que este se fixe efetivamente nos objetivos visados; é importante que todos os

18 Texto elaborado a partir de: RUIZ, 2002, p. 20-47.

membros do grupo estudem, compareçam aos encontros e se atenham à discussão dos textos ou conteúdos a serem estudados.

Na atividade acadêmica, a leitura é básica para se lograr êxito nos estudos. Ler, ler muito e, principalmente, ler bem requer um aprendizado. O estudante necessita sentir atração pela leitura, procurá-la incessantemente e dedicar-se a ela. Isso exige dedicação, perseverança e esforço continuado. Aconselha-se que o universitário se exercite para ter velocidade e eficiência em sua leitura em um processo em andamento. Nesse exercício, convém dar especial atenção a fatores como comodidade e higiene; espaços abertos, arejados e iluminados auxiliam muito no sucesso do estudo; sempre será útil ter à mão um dicionário, lápis e papel para registros e apontamentos pessoais.

No processo do estudo e da leitura, o estudante também ganhará muito se tiver o hábito de sublinhar e assinalar os conteúdos que considera serem relevantes. Aconselha-se, porém, como norma, sublinhar apenas as ideias principais e os detalhes relevantes.

Por fim, um dos fatores mais enfatizados para se poder estudar e ler bem é o silêncio interior e exterior. O silêncio interior é difícil de ser desfrutado em nosso agitado mundo moderno; consiste em concentrar-se profundamente, evitando preocupações de toda sorte que interfiram no recolhimento. De maneira semelhante, o silêncio exterior requer que se evite distrair os outros com barulhos, conversas, aparelhos funcionando em volumes elevados, etc. O silêncio para o estudo é uma condição necessária para o aprendizado eficaz do universitário.

Vale a pena todo o esforço investido pelo estudante para aprender a ler bem e a estudar com dedicação. Pois isso constitui fonte inesgotável de crescimento intelectual vida afora; e todo empenho nesse sentido será recompensado.



- 10. ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS**
Leonardo Xavier da Silva (Org.)
- 11. QUESTÃO AGRÁRIA E LEGISLAÇÃO AMBIENTAL**
Luiz Fernando Mazzini Fontoura
Roberto Verdum (Org.)
- 12. POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO RURAL NO BRASIL**
Carlos Guilherme Adalberto Mielitz Netto
Lenivaldo Manoel de Melo
Cláudio Machado Maia
- 13. PLANEJAMENTO E GESTÃO DE PROJETOS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**
Alberto Bracagioli Neto
Ivaldo Gehlen
Valter Lúcio de Oliveira
- 14. SEMINÁRIO INTEGRADOR II**
Jalcione Almeida (Org.)
- 15. GESTÃO E PLANEJAMENTO DE UNIDADES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA**
Elvio Giasson
João Armando Dessimon Machado
Lovois de Andrade Miguel
Saionara Araújo Wagner (Org.)
- 16. MERCADOS E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS**
Paulo Dabdab Waquil
Marcelo Miele
Glauco Schultz
- 17. ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS PARA A AGRICULTURA**
Valter Lúcio de Oliveira (Org.)
- 18. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UNIDADES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA**
Susana Cardoso
Fábio de Lima Beck
Fernanda Bastos de Mello
Fábio Kessler Dal Soglio (Org.)
- 19. GESTÃO E PLANEJAMENTO DE ORGANIZAÇÕES AGROINDUSTRIAIS**
Jean Philippe Palma Révillion
Marcelo Silveira Badejo
- 20. MERCADOS E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGROINDUSTRIAIS**
Marcelo Miele
Paulo Dabdab Waquil
Glauco Schultz
- 21. ELABORAÇÃO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS PARA AGROINDÚSTRIAS**
Susana Cardoso
Jane Maria Rubensam
- 22. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UNIDADES AGROINDUSTRIAIS**
Fábio Kessler Dal Soglio
Jalcione Pereira de Almeida
Fernanda Bastos de Mello
Fábio de Lima Beck (Org.)
- 23. ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA NA ÁREA DE DESENVOLVIMENTO RURAL**
Egon Roque Fröhlich
Simone Bochi Dorneles (Org.)

Tipologia utilizada no texto:
Lapidary333 BT, 12/14,4
Offset 75g
Impresso na Gráfica da UFRGS – www.grafica.ufrgs.br

Editora da UFRGS • Ramiro Barcelos, 2500 – Porto Alegre, RS – 90035-003 – Fone/fax (51) 3308-5645 – admeditora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br • *Direção*: Sara Viola Rodrigues • *Editoração*: Luciane Delani (coordenadora), Carla M. Luzzatto, Fernanda Kautzmann, Michele Bandeira e Rosângela de Mello; *suporte editorial*: Alexandre Giaparelli Colombo e Jeferson Mello Rocha • *Administração*: Najára Machado (coordenadora), Aline Vasconcellos da Silveira, Jaqueline Trombin, Laerte Balbinot Dias, Maria da Glória Almeida dos Santos e Valéria Gomes da Silva; *suporte administrativo*: Getulio Ferreira de Almeida, Janer Bittencourt.



Este manual reúne os conteúdos didáticos da disciplina
Elaboração de Monografia na Área de Desenvolvimento Rural (DERAD 23)
oferecida no sexto módulo do Curso de Graduação Tecnológica
Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) da UFRGS,
na modalidade a distância. Com base em uma perspectiva
multidisciplinar, este material didático disponibiliza os elementos básicos
e indispensáveis para as diferentes etapas da elaboração
do trabalho de conclusão de curso.